



**Profint**  
Profissionais Integrados



**PROFINT – Profissionais Integrados Ltda**  
**FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama ou**  
**EBMSP – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública**  
**Curso de Especialização *Lato Sensu* em Psicodrama**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**O PSICODRAMA NA JORNADA DO HERÓI :  
ATRAVESSANDO A EXPERIÊNCIA GRUPAL**

**Aluno: Gabriel de Oliveira Poderoso**  
**Orientadora: Cybele Maria Rabelo Ramalho**

Aracaju/SE  
2018

**GABRIEL DE OLIVEIRA PODEROSO**

**O PSICODRAMA NA JORNADA DO HERÓI: ATRAVESSANDO A  
EXPERIÊNCIA GRUPAL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Psicodrama, da Profissionais Integrados Ltda em parceria com a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, reconhecido pela Federação Brasileira de Psicodrama, com requisito parcial para obtenção do Certificado de Especialista.

Orientadora: Esp. Cybele M<sup>a</sup> Rabelo Ramalho

Aracaju/se  
2018



**PROFINT – Profissionais Integrados Ltda**  
**FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama ou**  
**EBMSP – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública**  
**Curso de Especialização *Lato Sensu* em Psicodrama**

**ATA DE DEFESA DA MONOGRAFIA**  
**(Folha de Aprovação)**

**DATA:** \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.  
**LOCAL:** Sede da PROFINT\* (Aracaju/SE).

**TÍTULO:** O psicodrama na jornada do herói: atravessando a experiência grupal.

**Autor:** Gabriel de Oliveira Poderoso

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Psicodrama da PROFINT-Profissionais Integrados Ltda em parceria com a EBMSP-Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, reconhecido pela FEBRAP-Federação Brasileira de Psicodrama, para a obtenção do grau de Psicodramatista (Nível I) – foco clínico, aprovada nesta data, com a nota \_\_\_\_\_, correspondente ao grau/conceito \_\_\_\_\_, defendida perante a banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof<sup>ª</sup> Esp. Cybele Maria Rabelo Ramalho – Psicodramatista-Didata-Supervisora: Inscrição FEBRAP nº 270, fl.90, Livro I.

---

Prof<sup>º</sup> Esp. André Luiz Viana Nunes – Psicodramatista-Didata: Inscrição FEBRAP nº 280, fl. 71, Livro II.

---

Prof<sup>ª</sup> Esp. Glauciene Aparecida de Andrade – Psicodramatista-Didata-Supervisora: Inscrição FEBRAP nº 212, fl. 54, Livro II.

\* **PROFINT – PROFISSIONAIS INTEGRADOS LTDA.** Membro da FEBRAP – Federação Brasileira de Psicodrama. R: Poeta José Sales de Campos, 794, Coroa do Meio, 49.035-650. (79) 3021-0757 / 9899-4563 / [contato@profint.com.br](mailto:contato@profint.com.br) – [www.profint.com.br](http://www.profint.com.br) / CNPJ: 01.890.418/0001-84.

## **DEDICATÓRIA**

**Aos amigos de longa data e aos recém-chegados: Rômulo Augusto, Gustavo Pinheiro, Luiz Eduardo, José Celso, Rafael Costa, Carlos Formiga , Kleber Carmo e Idalton Martins. Meus referenciais do ser enquanto masculino. Verdadeiros heróis. Linha de frente melhor, não poderia existir.**

## **AGRADECIMENTOS**

Muitos são os agradecimentos necessários a serem feitos.

Minha mais profunda gratidão a Giceli Carvalho por ter me tutelado desde o início não só enquanto psicodramatista como também em minha formação como psicólogo.

À Cybele Ramalho por ter lapidado a pedra bruta e ter permitido minha entrada nos reinos da PROFINT, obrigado de coração pela confiança e por todo o acolhimento com que sou tratado. Obrigado também pela paciência na orientação deste trabalho.

Um agradecimento especial a Aldo Rezende de Melo por todo o aprendizado e cuidado ao decorrer dos últimos anos, assim como percorremos o caminho que heróis do passado já desbravaram, você me mostrou que trilhar o caminho sendo honesto a nós mesmos e ao nosso propósito é a única opção que temos.

Um agradecimento carregado de afeto a Luiza Lins que entrou na reta final deste trabalho, mas foi uma aliada indispensável na conclusão deste.

Por último e com certeza não menos importante, a Denise Maria fonte de Oliveira, a mulher mais forte que conheço. Não há nada nesse mundo ou no próximo que não faria por você.

“Eu, eu serei rei  
E você, você será rainha  
Embora nada os afaste  
Nós podemos vencê-los, apenas por um dia  
Nós podemos ser heróis, apenas por um dia”  
(David Bowie – Heroes)

## RESUMO

O trabalho a seguir é fruto do acompanhamento e direção junto a um grupo terapêutico formado por três homens de diferentes faixas etárias onde foi utilizada a estrutura narrativa mítica conhecida como Monomito ou Jornada do Herói proposta por Joseph Campbell como estratégia terapêutica. Através dos relatos e das dinâmicas trabalhadas buscou-se identificar e desenvolver as demandas emergentes a partir dos fundamentos do Psicodrama desenvolvido por Jacob Levy Moreno e seus seguidores. Como resultado do trabalho foi possível correlacionar a Jornada do Herói com a teoria dos papéis de Moreno, processos semelhantes uma vez que olhamos pela óptica das transformações vivenciadas e os diferentes papéis interpretados em busca da flexibilização das conservas culturais e manutenção de um cotidiano saudável. O plano de ação heroico pré-estabelecido funcionou como aquecedor grupal assim como escala de evolução dos integrantes do grupo.

### **Palavras-Chave:**

Jornada do Herói. Psicoterapia de grupo. Psicodrama.

## **ABSTRACT**

The work below is the result of monitoring and direction along a therapeutic group of three men of different age groups where was used the mythical narrative structure known as Hero's Journey or Monomyth proposed by Joseph Campbell as a therapeutic strategy. Through the reports and the dynamics worked sought to identify and develop emerging demands from the foundations of psychodrama developed by Jacob Levy Moreno and his followers. As a result of the work it was possible to correlate the Hero's Journey to the Paper Theory of Moreno, similar processes as we look at the perspective of experienced transformations and the different roles played in search of relaxation of cultural preserves and maintaining a healthy routine. The preset heroic action plan worked as group heater as well as the scale of evolution of the group members.

### **Key-Words:**

Hero's Journey, Group Therapy, Psychodrama



## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	12
2.1 HERÓI.....	12
2.2 A Jornada do Herói .....	13
2.2.1 A Jornada aos olhos de Joseph Campbell .....	14
2.2.1.1 O Chamado à Aventura .....	14
2.2.1.2 A Recusa do Chamado .....	14
2.2.1.3 Auxílio Sobrenatural .....	14
2.2.1.4 A Passagem pelo primeiro limiar .....	14
2.2.1.5 O Ventre da Baleia .....	15
2.2.1.6 O Caminho de Provas.....	15
2.2.1.7 O Encontro com a Deusa.....	15
2.2.1.8 A Mulher como tentação .....	16
2.2.1.9 Sintonia com o pai.....	16
2.2.1.10 Apoteose.....	16
2.2.1.11 A Bênção Última.....	16
2.2.1.12 A Recusa do Retorno.....	17
2.2.1.13 A Fuga Mágica .....	17
2.2.1.14 O Resgate com auxílio Externo.....	17
2.2.1.15 A passagem pelo limiar do retorno.....	17
2.2.1.16 Senhor de dois mundos .....	18
2.2.1.17 Liberdade para viver.....	18
2.2.2 A Jornada aos olhos de Vogler.....	18
2.2.2.1 O Mundo comum .....	18
2.2.2.2 O Chamado a aventura .....	18
2.2.2.3 Recusa ao chamado .....	19
2.2.2.4 Encontro com o Mentor.....	19
2.2.2.5 Travessia do primeiro 1º limiar .....	19
2.2.2.6 Testes, Aliados e Inimigos .....	19
2.2.2.7 Aproximação da Caverna .....	19
2.2.2.8 Provação Suprema.....	20
2.2.2.9 Recompensa .....	20
2.2.2.10 Caminho de Volta.....	20

2.2.2.11 Ressureição .....	20
2.2.2.12 Retorno com o Elixir .....	21
2.3 O Psicodrama como facilitador da Jornada.....	21
2.3.1 A Jornada heroica de Jacob Levy Moreno.....	21
2.4 A TEORIA DOS PAPÉIS .....	26
2.5 A PSICOTERAPIA DE GRUPO PSICODRAMÁTICA .....	30
2.6 TÉCNICAS .....	33
2.6.1 Duplo.....	34
2.6.2 Espelho.....	35
2.6.3 Inversão de papéis .....	35
2.6.4 Onirodrama .....	35
2.6.5 Sandplay Psicodramático .....	36
4 DESCRIÇÃO E PROCESSAMENTO TEÓRICO DO CASO.....	39
4.1 Aurélio.....	39
4.1.2 David.....	40
4.1.3 Jason.....	41
4.2 O Bosque das Máscaras e o Encontro com o Mentor.....	42
4.2.1 Aurélio e o Samurai Sombrio.....	43
4.2.2 David e o Flerte com a Morte.....	44
4.2.3 Jason e os Laços que nos unem.....	45
4.3 A Caminhada e o firmamento do grupo .....	47
4.3.1 O Desafio de Aurélio: Tentação, Preguiça e Objetivo .....	48
4.3.2 David entre o Bem e o Mal .....	50
4.3.3 O Resgate de Jason e o Príncipe Desencantado .....	53
4.4 Perigo à vista: A Aproximação da Caverna .....	55
4.4.1 Queda .....	56
4.4.2 Redemoinhos.....	57
4.4.3 Gruta.....	58
4.5 Dragão .....	59
4.5.1 Batalha nas montanhas .....	59
4.5.2 No coração da Tormenta .....	61
4.5.2 Meu outro eu Vermelho .....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	64

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67
<b>ANEXOS</b> .....	70
<b>ANEXO A</b> .....	71
<b>ANEXO C</b> .....	73
<b>ANEXO D</b> .....	74

## 1 INTRODUÇÃO

Alguma vez você já leu uma história que realmente te balançou? Seja uma revista em quadrinhos, um mito folclórico ou assistiu a um filme, não importa onde ou como, o que realmente importa é se alguma história realmente ressoou em teus alicerces mais íntimos, fez algum sentido?

Ajudou a lidar com um dia ruim ou a tomar uma decisão importante? No decorrer das páginas ou cenas você se colocou no lugar daqueles personagens ou os viu atuando na sua própria vida?

Eu já. Há vinte anos eu recebia meu primeiro exemplar do Batman. Ainda hoje lembro a sensação de folhear aquela revista, da sensação do papel e do cheiro, naquele momento nascia o questionamento que me acompanharia durante anos a fio (e que ainda acompanha): “como pode um personagem de quadrinho ter tanta coisa em comum comigo?”.

Anos mais tarde, já formado e longe da academia universitária (a problemática do herói aparentemente não teve espaço na grade curricular a qual fui submetido) conheci Campbell e o então chamado Monomito ou A Jornada do Herói, aliados aos conceitos da Psicologia Analítica e as propostas de ação através da teoria Psicodramática, soube ter encontrado o caminho que buscara há tanto tempo, uma forma de dar vida aos heróis ao nosso redor como tentativa de resgatar o herói que jaz latente em nosso interior, este caminho me levou a esta aventura em específico.

Ilustrando as etapas em que o herói deve abandonar seu mundo comum, passando por um ciclo de morte, renascimento, sacrifício e crescimento, entre cavernas e dragões o herói (ego, consciência, o “eu” ainda indiferenciado) irá expandir seu potencial, fortalecendo-se e amadurecendo para poder alcançar o sagrado elixir (o Self, a totalidade, a diferenciação) voltando assim ao seu lar para expurgar o mal da apatia ou inanição que o ameaça.

O processo de diferenciação percorrido pelo herói, ou seja, os duelos recorrentes frente às cristalizações e conservas culturais castradoras, os desprendimentos e as

integrações com os materiais inconscientes, o diálogo com a sombra e o cuidado com o animus/anima é o que caracteriza a queda e a ressurreição simbólicas existentes na jornada.

Este relato é sobre heróis, porém sem máscaras, capas, roupas apertadas e músculos hercúleos, mas tão heroicos quanto. O objetivo desta odisseia é correlacionar a Jornada do Herói com o desenvolvimento do papel do masculino através de um estudo de caso com um grupo terapêutico psicodramático formado por três homens que durante cinco meses empreenderam o caminho.

Objetivou-se também encontrar nos mitos e nas lendas disponíveis, a inspiração e o conhecimento para lidar com questões contemporâneas, pois todo herói que percorre o caminho nunca está só, como disse Campbell (2007, p 31):

“E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro de nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, encontraremos o mundo inteiro.”

Em um mundo cada vez mais objetivo, concreto, onde o masculino precisa rever sua atuação no social e contribuir para a descentralização do patriarcado adoecido e reducionista se faz necessário um retorno para dentro, para a essência, de reencontrar o papel do masculino frente às problemáticas contemporâneas. O grupo terapêutico possibilitou aos integrantes sair do barulho ensurdecido para o silêncio apaziguador, de abandonar a multidão vazia para uma solidão construtiva, para que no reencontro com os símbolos, seja possível reacender a centelha divina que cada um traz dentro do peito, apagada pelas alienações e obrigações do dia-a-dia.

No segundo capítulo do presente trabalho discorreremos sobre os conceitos fundamentais que sustentam o trabalho realizado no grupo terapêutico no qual se baseia esta pesquisa.

O terceiro capítulo é dedicado ao desenvolvimento das sessões e os relatos apresentados pelo grupo e as análises empreendidas a cada encontro/fase da jornada terapêutica.

O quarto capítulo destina-se às considerações quanto à eficácia do método escolhido e as conclusões alcançadas ao concluir o trabalho proposto.

Os encontros aconteceram na sede da PROFINT – Profissionais Integrados LTDA localizada na cidade de Aracaju–Se, com duração aproximada de noventa minutos. Foram utilizados materiais para ajudar na ilustração dos elementos próprios de uma vivência terapêutica tais como: máscaras, caixa e areia, miniaturas, tecidos e almofadas.

Esta é a história de três homens que durante cinco meses se voluntariaram a trilhar os caminhos da jornada da alma, através de relatos, sonhos e lendas tentou-se mostrar a importância de se manter em contato com as histórias da humanidade, pois conhecê-las é nos conhecer também e reaproximar o indivíduo do poder do mito é reviver de dentro dele o herói jazido.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 HERÓI

Na obra de Muller (1997) o herói é retratado como a personificação do ideal humano de bravura e dignidade, aquele cuja postura inabalável consegue suportar os óbices cotidianos e continuar fiel em teu caminho. É possível ao homem relacionar-se entusiasticamente com a figura heroica uma vez que representa esperança em tempos de crise, é ele quem enfrenta a noite escura da alma para emergir luminoso, sua luta assim como seus devidos sacrifícios inspira o homem ordinário à alcançar a condição de extraordinário.

Ao comparar as pesquisas de Morais, I. (2013) e Morais, G.(2013) afirma-se que o conceito de herói está suscetível à realidade em que se encontra inserido o indivíduo em questão. Ora o herói clássico, dotado de habilidades mágicas e extraordinárias será enaltecido, ora o homem comum, como os pais, por exemplo, ou até figuras de relevância histórica, os símbolos religiosos e ou espirituais também podem ascender ao status heroico, como exemplo temos Dante Alighieri em *A Divina Comédia* (2011) e São João da Cruz em seu poema *Noite Escura* (2014) representam a jornada do herói (homem comum) como a peregrinação de purificação do homem para se elevar ao encontro com deus.

Comparando as pesquisas, conclui-se que as determinantes sociais, tais como: família, professores e ambientes religiosos frequentemente irão direcionar as diretrizes que irão preencher o papel do herói, porém existem características que os unem em concordância, a presença da bravura, o sentimento de confiança e amabilidade, os frutos positivos para com o social e o coletivo de suas ações e a sensação de segurança e proteção ao estarem próximos fisicamente ou simbolicamente do ícone adotado.

Jung (1995) compara a figura mística do herói com o ciclo solar que diariamente ascende aos céus trazendo a luz, a vida e a esperança para posteriormente mergulhar no profundo mar de sombras trazidas pela escuridão noite e assim uma vez mais reascender em meio às trevas, iluminando o mundo ao seu redor num eterno ciclo de nascimento-morte-renascimento; tarefa essa atribuída ao herói ao decorrer do caminho em busca da totalidade do ser, do eu e da autenticidade de seu papel. Aqui vemos um diálogo uníssono entre Muller e Jung retratando o herói como o portador da luz da esperança, da vida com potencial de renovação.

Ramalho (2008) retrata o herói como símbolo de transição entre o mundo dos homens, com seus limites, responsabilidades e peculiaridades e o mundo divino, povoado pelos mitos, pela realidade simbólica e suplementar e pelas divindades, sempre com a árdua tarefa de transformar e se necessário salvar seu mundo comum, seu reino, sua terra natal.

## 2.2 A Jornada do Herói

Através da visão de Campbell (2007) encontrada na obra “O Herói de Mil Faces” conclui-se que o mito é a forma da humanidade dialogar com as manifestações cósmicas presentes ao seu redor, a mitologia e os rituais de passagem têm a função de fornecer ao ser humano a carga simbólica necessária para a evolução humana, interromper ou abnegar este canal de comunicação leva o homem a um estado de vulnerabilidade e estagnação tanto espiritual quanto psicológica.

Ater-se única e exclusivamente às estruturas conscientes é ignorar todo o potencial construtivo pertencente ao inconsciente, em outras palavras, se apegar ao considerado seguro e conhecido é negar o chamado da aventura, fechar os olhos perante a vida, é censurar o herói, a conhecer a profundidade das cavernas onde repousam os mais preciosos tesouros, cristalizando os papéis protagonizados pelo homem subjugando-o às conservas culturais.

O modelo de Jornada do Herói segundo Campbell (2007) ocorre em inúmeras culturas ao redor do globo, estas se repetem recorrentemente entre sociedades que aparentemente não tinham como se comunicar entre si, modificando detalhes simples e específicos para cada realidade social em específico, mas obedecendo à estrutura nuclear de “separação – iniciação – retorno”. Estes são os alicerces do Monomito ou Jornada do Herói.

De forma resumida, explana-se o desenvolvimento do Monomito como a trajetória do herói vindo do mundo cotidiano, aventurando-se numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 2007).



Campbell (2007) mapeou a jornada nos três momentos citados acima, porém são totalizadas dezessete fases pelas quais deve percorrer o herói e baseado em sua descrição, iremos ver a seguir assim como a visão adaptada por Vogler da jornada do herói em seus anos como roteirista de hollywood.

## 2.2.1 A Jornada aos olhos de Joseph Campbell

### A Partida

#### 2.2.1.1 O Chamado à Aventura

Um acontecimento chama a atenção do herói para ir ao encontro do mundo desconhecido ou mágico, seja por acaso ou por escolha própria o protagonista passa a conhecer uma situação que mudará a forma de vivenciar seu mundo cotidiano. A Floresta negra, a grande árvore e a fonte murmurante são símbolos frequentes dos receptáculos das forças do destino que clamam pelo herói.

#### 2.2.1.2 A Recusa do Chamado

Uma vez aprisionado pelos códigos morais e de conduta, necessidades do cotidiano (emprego, família) ou até mesmo por falsas ilusões de impotência o herói pode negar o chamado e passar de agente ativo e transformador à refém necessitado de resgate. Mesmo que possa obter sucesso e construir um império em seu confinamento, será desprovido de vitalidade.

#### 2.2.1.3 Auxílio Sobrenatural

Para o herói que não desistiu do chamado é apresentada uma figura protetora e sábia, detentora não só de conhecimento como também de itens e apetrechos que se revelam imprescindíveis na sobrevivência contra as forças manifestas que tentarão impedir o avanço do protagonista. O Personagem do velho sábio representa esta figura de mestre com frequência predominante. O auxílio pode até alcançar o herói que negou o chamado, mostrando a ele as possibilidades de romper com as amarras que o prendem.

#### 2.2.1.4 A Passagem pelo primeiro limiar

Uma vez “armado” e devidamente orientado, ao seguir a trilha do destino o herói encontra o portal que separa o mundo seguro, conhecido e consciente daquele outro, regido pelas perigosas sombras do inconsciente ainda inexplorado. Velando pela passagem está o

“Guardião do Limiar”, figura que tentará dissuadir o visitante numa tentativa mista de resguardá-lo e por a prova a sua vontade.

#### 2.2.1.5 O Ventre da Baleia

Ao cruzar a fronteira entre os mundos, o herói precisa morrer simbolicamente ou efetivamente, pode ser desmembrado ou separado de sua forma etérea, para ser possível o renascimento, assim como a Fênix que ressurge de suas próprias cinzas com vida nova e revigorada. Este ritual de morte simboliza o desligamento de sua realidade predecessora (seus anseios, medos, preconceitos, desilusões e certezas). Existe um movimento de introspecção, se voltar para dentro, afirmando o total comprometimento do herói para com a aventura e consequentemente sua vida.

### A Iniciação

#### 2.2.1.6 O Caminho de Provas

Cruzada a fronteira entre os dois mundos, munido dos artefatos entregues pelo Mentor o herói deverá enfrentar uma série de adversidades, gradativamente afiando e ampliando suas habilidades em número e técnica. Simbolizando os pequenos passos dados pelo Ego para se desgrudar das amarras à que está acostumado. Nesta fase é comum o herói fazer alianças para superar provações que sozinho não seria capaz. Tal caminho irá conduzir o herói cada vez mais às profundezas do seu ser, simbolizado pela descida ao mundo inferior, ao coração das sombras do desconhecido.

#### 2.2.1.7 O Encontro com a Deusa

Para obter a benção do amor, faz-se necessário encontrar a Deusa residente nas profundezas do mundo mágico, esta por sua vez irá se manifestar de duas maneiras, dualidade esta presente na figura materna do herói. Um Lado representa a segurança e a proteção, a sensação nutritiva e acalentadora do útero da Grande mãe, por outro lado a Deusa assim como senhora da vida também personifica a morte, a mãe como devoradora, nunca deixando a cria crescer e abandonar lhe, para isso é capaz até de nutrir uma dependência infantil e predatória para mantê-lo por perto. A mulher representa o potencial da totalidade, o princípio vital, integrando estes opostos, compreendendo a dualidade o herói é abençoado pelo feminino, logo se nutrindo do amor e da vida.

#### 2.2.1.8 A Mulher como tentação

Tendo se unido à sua contraparte, ao mesmo tempo unindo-se a vida em sua plenitude, o herói precisa buscar um equilíbrio, evitando ver seu feminino como tentação carnal, origem de seus futuros erros e pecados ou simplesmente passar a ignorá-la. Mesmo tendo a benção do amor, continuará a cometer erros e deslizes, sua humanidade não pode ser esquecida. A integração de seu feminino em si, lhe permitiu uma ampliação da consciência, deixar de reconhecer ou atribuir suas falhas à interferência alheia seria dar vários passos para trás.

#### 2.2.1.9 Sintonia com o pai

Apresenta-se ao herói o confronto com a ameaçadora figura do pai, a castração e símbolo da “Ira de Deus”, o poderoso Dragão. Tal vil criatura nada mais é se não a personificação da sombra do herói, projeção dos medos e anseios que o protagonista carrega dentro de si. Para superá-lo caberá ao mesmo expandir as capacidades conscientes a ponto de dialogar com a sombra e integrá-lo à parte conhecida do seu ser, render o ego a esta nova realidade, deixa-lo morrer para evoluir. Uma vez apaziguado o masculino, que assim como o feminino compõem o dualismo entre vida e morte o herói pode vislumbrar sua real missão.

#### 2.2.1.10 Apoteose

Depois do êxodo do paraíso materno e do confronto com o dragão, tendo morrido e ressuscitado, tornado os opostos em um, ao questionar e abrir mão das verdades absolutas do ego e reconhecida às profundas riquezas das cavernas do inconsciente o herói dá um passo importante no que se trata à desalienação da consciência rumo a totalidade do seu ser.

#### 2.2.1.11 A Benção Última

O herói encontra por fim o tesouro/elixir, objetivo da jornada desde o princípio, o item cujo potencial pode trazer a cura à sua terra natal/reino. Podendo assumir infinitas formas, o tesouro sempre se manifestará de acordo com a necessidade e possibilidades daqueles que o encontram, pois o verdadeiro prêmio jaz no interior do herói, sempre esteve com ele, o tesouro final possibilita ao protagonista reconhecer este poder transformador como seu, iluminando assim mais uma área antes escondida pelas trevas do desconhecido.

## Retorno

### 2.2.1.12 A Recusa do Retorno

Para completar o ciclo conhecido como Monomito o Herói deve recolher as dádivas conquistadas e retornar a seu mundo comum a fim de compartilhá-las, porém nem todos conseguem empreender o caminho de volta seja pela aflição de abandonar as riquezas do mundo mágico ou pela hesitação em aceitar a responsabilidade condizente ao seu novo status.

### 2.2.1.13 A Fuga Mágica

Caso o retorno seja abençoado pelas divindades do Mundo Inferior assim como a benção última alcançada de bom grado, o herói terá um caminho favorável, porém, caso as divindades ou os demônios tenham alguma pendência para com o viajante, este terá novamente um caminho de luta e superação antes de alcançar o mundo comum.

### 2.2.1.14 O Resgate com auxílio Externo

O Mundo externo pode influenciar o retorno do seu Herói, auxiliando-o ao enviar reforços ou incentivando ao declarar a importância de sua figura ou resgatando-o a força contra sua vontade mediante a desesperada necessidade de usufruir das dádivas pertencentes ao herói.

### 2.2.1.15 A passagem pelo limiar do retorno

A barreira entre os dois mundos dissolve-se assim que o herói percebe que a realidade cotidiana e a mágica são uma e duas simultaneamente, duas faces de um mesmo mundo, o da luz, claro e consciente e o desconhecido e sombrio inconsciente.

Depois de submeter-se à tortuosa Jornada ao mundo inferior e presenciar toda sorte de maravilhas, pode ser difícil ao herói passar seus novos conhecimentos àquele ainda imersos nas censuras respectivas da sociedade. A preparação e a re-imersão na realidade da luz é fundamental quando se trata de suportar as frustrações de não ser compreendido ou levado em consideração enquanto gradativamente encontra os canais de comunicação adequados à sua mensagem.

Caso o impacto da rejeição seja muito forte, o herói pode decidir por entrar em exílio e levar toda sua experiência com ele.

#### 2.2.1.16 Senhor de dois mundos

A habilidade de transfiguração é apropriada pelo herói podendo agora transitar entre os dois mundos, agindo de acordo com as especificações de cada um sem confundirlos, agora é o conhecedor dos caminhos e iniciador de seus semelhantes. Através das experiências individuais vividas, transmite potencial para a evolução comunitária.

#### 2.2.1.17 Liberdade para viver

A Jornada está completa. Livre das armadilhas inconscientes, unificando os opostos da vida e da morte, desapegando de valores reducionistas impostos pelo mundo comum o herói pode desfrutar de uma vida mais consciente e fiel a si mesmo.

### 2.2.2 A Jornada aos olhos de Vogler

Vogler (2006) em sua obra chamada “A Jornada do Escritor” faz um processo análogo ao de Campbell quando este comparou mitos e lendas de diversas culturas, desta feita o material analisado foram scripts e enredos de filmes e peças apresentados em Hollywood e na Broadway, elucidando uma visão contemporânea para o tema e problemática do herói.

Vogler deu sua contribuição à estrutura do Monomito reduzindo-o em doze etapas que assim como a proposta original são agrupados em três atos, embora condensados, as fases propostas na Jornada do Escritor mantém a essência do Monomito no que se refere ao ciclo de separação, morte e renascimento característicos da sina heroica.

Segue a estrutura da Jornada do Herói pela visão de Vogler (2006):

#### 1º Ato

##### 2.2.2.1 O Mundo comum

O herói nos é apresentado em seu mundo cotidiano, uma pessoa comum com obrigações, horários, limitações e sonhos. Pode ser retratado como parte da realeza, assim como a mais pífia miséria, estar sozinho ou rodeado de amigos.

##### 2.2.2.2 O Chamado a aventura

A Rotina do herói é abalada, seu mundo comum está à beira do perigo ou sofrendo de uma doença grave, após a aventura se apresentar ao herói, o mesmo já não consegue manter-se estagnado neste lugar, transcendê-lo torna-se uma necessidade de sobrevivência.

#### 2.2.2.3 Recusa ao chamado

O Herói reluta em atender ao chamado, não querendo se envolver, ou arriscar-se, ainda não está convencido o suficiente para se atirar rumo ao desconhecido preferindo a segurança e o conforto daquilo que já lhe é conhecido e querido. Um novo incentivo há de ocorrer para inicia-lo na jornada, seja o agravamento da situação ao seu redor ou o encontro com o mentor.

#### 2.2.2.4 Encontro com o Mentor

O Herói depara-se com um conselheiro, detentor do conhecimento, itens mágicos e conhecedor dos caminhos. Acompanha o herói até um determinado ponto, ele pode indicar o caminho, mas nunca trilhá-lo por ele. Geralmente acompanho o pupilo até o limiar de ruptura do mundo comum.

#### 2.2.2.5 Travessia do primeiro 1º limiar

Uma vez decidido em enfrentar os problemas propostos pelo Chamado da Aventura o herói cruza o ponto sem retorno, ao escolher agir, escolhe também enfrentar as consequência de sua atitude lançando-se no mundo mágico e abandonando a segurança do conhecido. É a passagem que encerra o primeiro ato.

### 2º Ato

#### 2.2.2.6 Testes, Aliados e Inimigos

O Início do segundo ato. O Herói já inserido no mundo mágico será testado, suas crenças, vontades, desejos e determinação serão postos a prova, cada desafio superado atesta o amadurecimento gradativo pelo qual precisa vivenciar. No caminho irá encontrar tanto novos amigos quanto enfrentar inimigos (situações antagonistas que podem vir ou não personificadas em uma pessoa ou objeto).

#### 2.2.2.7 Aproximação da Caverna

Na fronteira do lugar mais perigoso do mundo mágico está o herói, a descida ao mundo inferior, o desbravamento do reino das sombras, nesta caverna jaz o objetivo do

herói, porém não é fácil tarefa adentrá-la, muito menos sobreviver a ela, pois o guardião do tesouro anseia pela alma e pela vida do herói.

#### 2.2.2.8 Provação Suprema

É chegada a hora do grande confronto contra o pior dos inimigos, seu nêmeses. Nessa batalha, a sorte está no ar, não existem garantias, tudo dependerá de como foi empreendida a jornada até aqui. Em meio a esta caótica situação o protagonista é levado a seu extremo, suas forças e poderes estão no limite. Para superar tal provação o herói deve morrer simbolicamente para então ressurgir, em posse do elemento que lhe faltava para sobrepujar seu mais difícil teste.

#### 2.2.2.9 Recompensa

Após superar o desafio supremo, o herói pode comemorar, conquistando assim sua merecida recompensa (um item mágico, um símbolo especial, o amor roubado ou a reconciliação com um dos pais). Após a ressurreição ascende aos status de herói, aquele que passou pelos perigos da morte em prol de um bem maior. Tal recompensa só faz sentido, pois o mesmo transcendeu sua forma antiga, evoluindo em consciência para desempenhar seu novo papel.

### 3º Ato

#### 2.2.2.10 Caminho de Volta

Esta etapa inicia o 3º e último ato da jornada heroica e o necessário retorno do herói ao mundo comum. Ainda no mundo especial, as forças sombrias perturbadas pela improvável vitória do protagonista voltam a se reorganizar, o objetivo agora é impedi-lo de alcançar o portal que o levará de volta para casa (este passo serve para indicar a natureza cíclica da jornada, existindo sempre um novo desafio a enfrentar).

#### 2.2.2.11 Ressurreição

Em um novo e crucial momento, as forças sombrias e o herói voltam a se confrontar em um épico e derradeiro combate final. É importante para o protagonista encerrar de uma vez por todas as pendências no mundo mágico, purificar-se, mudar as vestes surradas, para que possa voltar ao seu mundo comum de forma inteira, mais evoluído e ciente de suas responsabilidades como herói, como aquele que carrega a cura ou a solução dos problemas que o fez decidir cruzar o primeiro limiar.

### 2.2.2.12 Retorno com o Elixir

O herói consegue retornar ao mundo comum, mas nem ele nem o ambiente são os mesmos. Carrega consigo o Elixir, símbolo transformador e de cura (transformando-se em caráter individual, acabar por influenciar o mundo ao seu redor), compartilhar desta nova benção é a função fundamental do herói.

## 2.3 O Psicodrama como facilitador da Jornada

### 2.3.1 A Jornada heroica de Jacob Levy Moreno.

O Mar negro recebe esse nome pelo tom escuro de suas águas decorrente da alta concentração de sais minerais, localizado entre o continente Europeu, Península da Anatólia (Turquia) e a Cáucaso ligando-se também ao oceano Atlântico através do mar Mediterrâneo e Egeu assim como os estreitos de Bósforo, Dardanelos e Kerch. (TODA MATÉRIA, 2016)

A Lenda conta que em meio às águas escuras e tempestuosas do mar negro, a bordo de um navio não identificado no dia 18 de maio de 1889, nascia Jacob Levy Moreno, como estavam em águas internacionais o então bebê não possuía uma nacionalidade definida (adotaria a nacionalidade Turca do pai como de costume na época), veio do coração do mar e pertencia ao mundo, tal anonimato seria adotado por Moreno nos anos em que desenvolveria seu trabalho. (MORENO, 2014)

Marineu (1992) em seu livro biográfico sobre Moreno narra os desafios enfrentados em seus primeiros anos quando já enfrentava o primeiro dragão: o corpo infante sofria de raquitismo, levando-o a um estado de fragilidade e vulnerabilidade, já não se alimentava direito, perdia peso e precisava de toda ajuda possível, porém nenhuma súplica parecia surtir efeito satisfatório. A mãe, Paulina Iancu, desesperava-se achando que seu primogênito não iria sobreviver, mas o mito moreniano estava longe de acabar.

Certo dia, Paulina levou o filho para banhá-lo na luz do sol, até então as tentativas de cuidado não haviam conseguido reverter os sintomas da criança. Estava aos prantos quando uma cigana sem nome cruza seu caminho e passa a conhecer a história do menino, de imediato descreve um ritual de cura ao mesmo tempo em que profetizava a grandeza do homem que viria a ser:



“Vá buscar um pouco de areia fina. Ao meio dia, quando o sol estiver escaldante, ponha a criança na areia. O Sol curará a criança...Chegará o dia em que esta criança se tornará um grande homem. Chegará gente de todo o mundo para vê-lo. Ele será sábio e bondoso”(MARINEU,1992. Pg 29).

Ao passar pelo ritual de cura proposto por sua primeira mestra vivenciou o ciclo heroico de vida-morte-renascimento antes mesmo de aprender a falar ou dramatizar. O mito conta que assim como o supermam da cultura pop atual, os raios solares fortaleceram seu corpo adoecido e deram o sustento para dar continuidade à profecia cigana.

Com quatro anos de idade, Moreno estava reunido com alguns amigos no porão de sua casa quando propôs a todos a brincadeira da representação de deus, onde ele mesmo protagonizaria o papel da divindade (prólogo do papel que dramatizaria por anos a fio) e seus amigos seriam os anjos e querubins. Cercado pelos companheiros escalou a torre de babel improvisada com mesas e cadeiras, porém desconhecia a lição aprendida por inúmeros heróis da antiguidade e trilhou o mesmo caminho de seus antecessores: os deuses raramente aceitam de bom grado a audácia dos homens, as danças enfrentadas por Ulisses durante a Odisseia malvista por Poseidon (Homero, 2013), a afronta no templo de Athena que originou a Medusa e a queda da torre de babel (Gênesis 11:1-9), porém o exemplo mais próximo do nosso jovem Deus (psicodramático) é o de Ícaro, ao alcançar o topo da torre, metaforicamente ao voar perto do sol, despenca quebrando o braço (asa). O episódio ficou conhecido posteriormente como “O Psicodrama da queda de Deus”.

Outro exemplo precoce do conceito moreniano de centelha divina, a chama criadora presente no âmago de todo indivíduo, foi o universo de farinha criado em conjunto com seu irmão William, antes mesmo de aprenderem a falar “farinha” os mesmos construíram na cozinha da casa onde morava um universo feito dos farelos.

O anonimato acompanhou a vida de Moreno desde o começo, com a inexatidão de sua nacionalidade somada à opção de conduta ligada ao sentimento internalizado de que o desapego ao nome e ao status o aproximava de seu deus interior (imago-dei). Desde jovem não gostava de ser chamado pelo primeiro nome, caso um de seus irmãos o chamassem de Jaques ou Jacob, simplesmente ignorava, atendendo apenas a “você”.

Aos 14 anos, Moreno conheceu a primeira das importantes figuras femininas de sua vida (tirando a representante materna), ao longo de sua vida aconteceram verdadeiros encontros existenciais que deram suporte, inspiração e manutenção de sua construção e

obra. Durante uma viagem à Itália na companhia de um tio, conhece “Pia” apaixonando-se quase imediatamente. Essa é uma época importante perante todo o contexto da viagem, durante a locomoção do trem travou diálogos filosóficos com outros passageiros, pode exercer e ser reconhecido pelo seu precoce desenvolvimento intelectual, o mundo se abria e o anonimato era mais natural, pois ninguém ali realmente o conhecia, culminando no encontro com sua figura anímica (Pia). Aos poucos o menino passava pelos rituais de amadurecimento: a profecia cigana ganhava força.

Desde cedo Moreno sentia ser diferente, questionava seu papel no mundo, certa vez parado em frente a estatua de Cristo desejou do fundo do coração que o mesmo saísse de sua prisão pétrea e lhe confessasse seu destino, acreditava ter uma escolha a fazer perante a humanidade, entre as novas obrigações para com a família e as possibilidades frente ao mundo. Moreno sente o chamado interno de sua jornada, a profecia cigana incendeia a centelha divina e ela queima carbonizando a dúvida. A crença de ser um homem especial e dotado de uma missão para com os homens é estabelecida, a brincadeira de Deus adquire tons mais sólidos. A semente do homem-deus da espontaneidade havia sido plantada.

Para prover o sustento de sua família Moreno exercia a profissão de professor, chegou a dar algumas aulas particulares, mas o auxílio maior vinha dos irmãos de sua mãe. Em 1906, já com 17 anos, separa-se do seio familiar e começa sua peregrinação pelo mundo, tenta ingressar na Universidade, em 1909 entra pra faculdade de Filosofia enquanto regularizava as pendências burocráticas para então, no ano seguinte, entrar no curso de Medicina.

Os anos de faculdade foram transformadores, optou por usar um manto verde o tempo todo como um profeta ou personagem bíblico, deixou a barba crescer como expressão da espontaneidade de seu corpo, aos poucos adotava a imagem do deus que havia internalizado. Sua rede social ampliou e teve contato com outras figuras que corroboravam com seus pensamentos, pela imagem pouco convencional foi difícil não ser reconhecido. Vislumbrava a experiência de uma nova religião, abrindo as portas para um novo mundo cuja semente embrionária seria o grupo.

Em 1908 em Augarten, um espaço público localizado em Leopoldstadt, o segundo distrito de Viena, Moreno avistou um grupo de crianças brincando, sentou ao pé de uma árvore e começou a contar histórias atraindo os infantes, as babás, assim como seus pais e

posteriormente a polícia. Nesta dinâmica atuava como um bardo, através de suas palavras desenvolvia momentos de criação e espontaneidade junto ao público, porém nem todos viam a cena com bons olhos, “um jovem desgrenhado atraindo crianças com a fala mansa não era um bom sinal”, o mesmo foi proibido de continuar a prática através da ação conjunta das escolas, dos pais e da força policial e posteriormente pela eclosão da primeira guerra mundial.

Chegou a ser expulso de um teatro ao discutir com um ator em plena execução da peça, neste momento temos um prelúdio de sua epifania sobre o que seria o teatro espontâneo e a quebra da barreira entre atores e plateia, vislumbra o fim das formas tradicionais e já batidas do teatro visando uma alternativa mais flexível e dinâmica.

Moreno não conseguia adaptar-se às regras de conduta conservadas de seu tempo, uma vez que em contato com o potencial criativo-espontâneo das crianças viu como era regidos os protocolos de funcionamento ao seu redor.

Já em 1913 no bairro vermelho em Viena, Moreno junto a um médico especialista em doenças venéreas passou a ter encontros regulares com um grupo de prostitutas levando não só o auxílio médico como também acesso a consultoria jurídica. O processo de identificação umas com as outras para lidar com os desafios do cotidiano fundamentaram o que poderia ser considerado um sindicato.

No advento da primeira guerra em 1914 os estudos em medicina ainda não haviam sido concluídos. Apenas em 1917 teria o diploma de medicina, mas já era interno da Clínica psiquiátrica de Viena desde 1912. Não pôde servir às forças armadas por sua nacionalidade não documentada e confusa. O destino o levou ao campo de refugiados de Mittendorf, abrigo dos que deixaram suas terras quando a força armada italiana invadiu em 1915, onde categorizou os pontos de convergência e divergência dentre os indivíduos organizando-os de tal forma a melhorar o bem estar e a convivência dentro do campo. A experiência em Mittendorf pode ser conhecida como o início do método sociométrico.

A guerra devastou Moreno, o ideal de homem como representação de Deus e todo o seu potencial construtivo foi radicalmente posta a prova frente ao cataclisma destrutivo proveniente de um conflito armado em escala global. Estava dentro dos padrões, uniformizado e despido de seu manto do profeta, a barba estava feita e já não expressava mais a espontaneidade de anos passados.

O fim do conflito o leva a Bad Voslau, um município da Áustria localizado no distrito de Baden, no estado de Baixa Áustria já como médico chefe de uma indústria de tecidos. Como um bom salário podia dar-se o luxo de não cobrar dos menos afortunados por seus serviços médicos, a tendência messiânica floresce novamente, os moradores iniciam a lenda do “wunderdoctor” (o médico maravilhoso) o portador dos milagres. Com o passar do tempo e após embates com a administração da prefeitura e aqueles que se incomodavam com as práticas sem retorno financeiro do “wunderdoctor” a prática da atenção à saúde da família foi desaquecendo.

No período de 1920 publica anonimamente o polêmico “As Palavras do Pai”, uma concretização das vozes que gritavam em seu interior, a megalomania inerente ao seu ser está no ápice. O teatro vem ocupando grande parte de sua atenção como fonte sem restrições para avaliar os níveis de espontaneidade do homem.

No Komödien Haus de Viena, em 01/04/1921 apresenta-se sozinho para um público de curiosos, o pós-guerra e a instabilidade do governo foram os temas abordados no que seria a primeira sessão psicodramática oficial da história, no palco estava uma cadeira (trono) e um cetro, qualquer um poderia ascender ao status real, os demais iriam julgar a aptidão do novo “rei”, ao final da experiência concluiu-se que nenhum dos presentes tinha o necessário para tão importante cargo.

O Teatro da Espontaneidade transforma-se no Teatro Terapêutico e após isso no Psicodrama Terapêutico. As transformações acompanham as mudanças nos campos de atuação de Moreno, o período em que dedicou ao teatro é o marco da transição da fase religiosa para a científica. As transformações não se anulavam, complementavam umas às outras. Ao levar o teatro espontâneo aos internos de uma clínica psiquiátrica vislumbra o potencial terapêutico de sua ferramenta.

Constantemente repreendido e criticado pela audácia e originalidade de seus métodos, não só no universo da medicina e suas ramificações como também no meio dos artistas colecionou várias desafetos, a crítica aparentava sempre estar à espreita e farejava os possíveis erros do idealizador do Psicodrama, porém sua visão única sobre a humanidade e sobre o potencial divino nos permite compará-lo ao mito de Prometheus (BULFINCH,2017).

Ao elaborar o conceito de espontaneidade como condutor da centelha divina criativa para iluminar o homem das trevas e libertá-lo das amarras das conservas culturais percorre o mesmo caminho do herói mítico que rouba o fogo dos deuses para dar aos homens e assim empoderá-los, ambos sofreram duras consequências, reservadas especificamente àqueles que ousam se levantar contra seres divinos. Sejam deuses antigos em seus palácios titânicos ou instituições tradicionalistas e seus diretores com birôs de mármore.

Seu caminho o leva até Zerka, a mulher que estruturaria sua obra. Seu destino o leva a Beacon House na Nova York do ano de 1936 onde construiria o 1º Teatro do Psicodrama, financiado por uma amiga que testemunhou o potencial de seu trabalho. Seu legado termina em 14 de maio de 1974 sob uma lápide que tenta sintetizar anos de batalha frente às tentativas de trazer flexibilidade, leveza e respeito à humanidade dos pacientes psiquiátricos e aqueles que viriam a buscar seja no psicodrama, no teatro espontâneo ou no sociodrama, uma chance de encontrarem a si mesmos: “Aqui jaz aquele que abriu as Portas da Psiquiatria à alegria.” (GONALVES;WOLF;ALMEIDA, 1998, pag 17.)

#### 2.4 A TEORIA DOS PAPÉIS

Ao abordar a teoria dos papéis Moreniana faz-se necessário apontar a gênese do conceito de papel. Vindo do latim medieval *Rotulus* (derivado de *rota* = *roda*), traz o significado de “manuscrito enrolado contendo um escrito”, como também “aquilo que deve ser dito por um ator numa peça de teatro”. No Século XI o símbolo do papel era usado para denotar uma função social ou profissão.

Martín (1984) apresenta que embora atualmente o termo papel esteja fundamentado em teorias da sociologia, antropologia e da psicologia social, sua origem provém do universo teatral, fonte essa, inspiração de Moreno:

“É esquecido amiúde, que a moderna teoria dos papéis teve sua origem no teatro do qual tomou suas perspectivas. Tem uma longa tradição no teatro Europeu, a partir do qual desenvolvi, gradualmente, a direção terapêutica e social de nosso tempo”.  
(Moreno,2016, p. 27)

Contudo, a conceituação teatral da ideia de papel satisfazia apenas uma parte da idealização proposta por Moreno. Para Rubino (1999) a teoria psicodramática dos papéis

expande as ramificações do conceito de papel em toda a jornada existencial humana, desde sua gênese até o momento do espetáculo final, na forma como os indivíduos interagem entre si e na maneira de influenciar o mundo.

Moreno (2016) traz um variado leque conceitual onde apenas à somatória permitem um vislumbre da totalidade do conceito de papel: A) Unidade de experiência sintética em que se fundem elementos privados, sociais e culturais; B) Funcionamento assumido pelo indivíduo diante de uma situação específica; C) Cristalização final das situações em uma zona especial de operações enfrentadas pelo indivíduo; D) Pessoa imaginária criada por um ator. E) Unidade da cultura onde o ego e o papel estão em contínua interação. F) Modelo para a existência ou uma imitação dela; G) Personagem ou função assumida na realidade; H) Forma tangível e real que o “eu” consciente adota para interagir no mundo.

Em síntese, é fundamental considerar o papel como estrutura que abrange em si a dualidade entre o individual e o coletivo, que configura os canais de comunicação entre o indivíduo e o meio, pois através dele o homem pode exercer uma influência criativa no mundo. O Princípio da Espontaneidade permite ao homem peregrinar entre os diversos papéis que irão compor sua jornada de vida criativa e espontaneamente, ascendendo no homem a chama batizada por Moreno como “centelha divina”, atribuindo-lhe a capacidade de superar as conservas culturais através de um ato criativo.

Vale ressaltar também a representatividade e identidade do indivíduo através do exercício do papel, a concretização do “eu psíquico” no plano real. Segundo Moreno (2016) o “eu” emerge do desempenho dos papéis e não o contrário.

Existe uma sequência evolutiva iniciada desde o nascimento do bebê ao retratarmos a teoria dos papéis. Neste desenvolvimento, dois postulados de Moreno irão desenrolar-se simultaneamente: a teoria dos papéis e a matriz de identidade.

Nos primeiros meses de vida o bebê está inserido no assim chamado “Primeiro Universo da Matriz” conhecida também como “Identidade Total ou Indiferenciada”; Rubino (1999) resume este primeiro momento como a não diferenciação de pessoas, objetos, fantasia ou realidade, tudo faz parte de uma totalidade unificada, inclusive a criança, não há distinção entre o eu e o tu.

Os primeiros papéis a serem desenvolvidos, segundo Moreno (2016), são os psicossomáticos, ligados às necessidades mais básicas do sujeito, tais como: “o ingeridor”, “o defecador”, “o urinador”; estes papéis inauguram a responsabilidade do homem de entrar em contato com as manifestações de seu corpo. Moreno adiciona ao conceito de papel psicossomático a ideia de “zona” ou “foco iniciador”, pois a partir de uma região ou zona específica irá se desenvolver um papel adequado:

“Cada zona é o ponto focal de um iniciador físico, no processo de aquecimento para um estado espontâneo, sendo este estado componente da formação de um papel” (Moreno apud Martin, 1984, p. 217).

Neste determinado período destaca-se uma característica fundamental da relação dos papéis: todo papel (eu ou ego) necessita de um contra papel (tu ou ego-auxiliar). Para Fonseca (1980) o papel é uma experiência interpessoal e sempre requer a interação de duas ou mais pessoas, todo papel é uma resposta a outro, sendo assim impossível existir um papel sem seu respectivo contra papel.

No primeiro universo da matriz de identidade, a criança depende principalmente das figuras paternas ou daqueles que desempenhem essas funções para complementar sua existência, principalmente a figura da mãe como a “nutridora” do “ingeridor”, aquela que responde e dá sentido aos papéis desempenhados pela criança.

Moreno (2016) demonstra esse dueto (mãe-filho) como a base dos demais papéis que irão se desenvolver no futuro, o aglomerado de papéis desempenhado pelo indivíduo será moldado por essa primeira experiência de complementaridade, protagonizando importante papel na construção do “eu” que está se formando.

Com o devido tempo a criança adentra no “Segundo Universo” conhecido como “Identidade Total Diferenciada”, onde é iniciado o processo de cisão entre o eu e o outro; contudo as noções de realidade e fantasia continuam unificadas. Moreno (2016) fala sobre uma adoção infantil de papéis, onde a criança distribui funções ou papéis àquelas pessoas ao seu redor a partir da funcionalidade, agora existem “aquele que come e aquele que traz o alimento”, “aquele que defeca e aquele que limpa”.

A decomposição do mundo real (social) e da fantasia (interior, psíquico) é o marco conhecido como “brecha entre realidade e fantasia”, marco esse que define a passagem para o terceiro universo da matriz de identidade.

Rubino (1999) explica que uma vez alcançado esse estágio, o desenvolvimento da criança é marcado pela fase da inversão de papéis o que permite a identificação, imitação, projeção e transferência dos mesmos, é possível não só reconhecer o outro como assumir sua função. Com a brecha entre a realidade e a fantasia estabelecida, é a espontaneidade que irá agir como mediador da adequação para a criança poder transitar entre o real e o imaginário de forma saudável, podendo agora desenvolver duas novas categorias de papéis (que integrando com os papéis psicossomáticos, irão “montar” o “eu”): os papéis sociais e os psicodramáticos.

Para Moreno (2016) os papéis sociais são aqueles voltados para o mundo real, através deles a criança ou indivíduo é inserido no mundo, na cultura e nos valores. Os papéis sociais em sua maioria já vêm prontos como “o professor”, “o policial”, “o pai ou a mãe”, enfim, são os papéis regidos pelas conservas culturais e caberá ao indivíduo desenvolver formas espontâneas de desempenhá-los ou aceitar as consequências de representá-los da forma que a sociedade dita e espera. Através destes papéis o indivíduo irá encontrar seu lugar no mundo e nos grupos que deseja fazer parte.

Já os papéis psicodramáticos dizem respeito ao universo da fantasia e da imaginação; aqui papéis reais e puramente fictícios encontram espaço para conviver, configuram a contra-partida da realidade atuando em muitas formas de modo compensatório ao concretismo e censura do mundo real. É a dimensão mais individual e interna do “eu”, não há regras neste mundo, a não ser as criadas pelo próprio indivíduo.

Para Neto (1979) o papel psicodramático advém da necessidade de uma nova síntese entre a imaginação e a ação; atua como agente de resgate da imaginação aprisionada pela emergência assumida pelos papéis sociais, tal esforço de resgate frente à pressão das conservas culturais, definiria a espontaneidade criativa como linha de frente na batalha pela manutenção do bem estar do indivíduo.

A forma como estas três categorias de papéis se desenvolvem e interagem entre si irá moldar o sujeito. Importante também esclarecer que, segundo Martin (1984), é possível medir o nível ou idade de uma cultura ou sociedade a partir dos papéis disponíveis nela



para o indivíduo assumir, uma vez que o meio social será responsável por disponibilizar papéis que levem o indivíduo tanto ao triunfo e criação quanto à derrota e à cristalização negativa.

“O Conceito subjacente a essa abordagem é o reconhecimento de que o homem é um jogador de papéis, que todo indivíduo caracteriza-se por determinada série de papéis que domina seu comportamento e que cada cultura caracteriza-se por determinado conjunto de papéis, que ela impõe a seus membros, com variados graus de sucesso” (Moreno apud Fox, 2012, pg 117).

Moreno (apud Rubino 1999) desenha o desenvolvimento de um novo papel em três fases distintas: o role-taking, o role-playing e o role-creating. Sendo a primeira etapa (role-taking) como a adoção de um papel que já vem pronto e dotado de suas conservas, o indivíduo só pode representa-lo por meio da imitação, há pouco espaço de manobra para inovações. Na segunda fase (role-playing), o sujeito pôde vivenciar as variações deste papel, permitindo-se ousar um pouco mais e explorar as nuances desta nova possibilidade. Na fase final de role-creating, o indivíduo de forma criativo-espontânea modela este papel à sua essência e realidade, para enfim desempenhá-lo de forma mais fiel ao seu “eu”.

A partir desta elaboração, Moreno havia criado uma ferramenta pedagógica e terapêutica sobre a construção dos papéis, de averiguar a qualidade da realidade no qual está inserido o sujeito e quais mudanças operativas seriam necessárias (criar novos papéis, deixar outros para trás ou até mesmo readaptar num sistema de treinamento de papéis) para a manutenção do bem estar do indivíduo. No próximo capítulo trataremos da metodologia, apresentando informações sobre o caso clínico, bem como alguns aspectos do método socionômico utilizado no presente trabalho.

## 2.5 A PSICOTERAPIA DE GRUPO PSICODRAMÁTICA

Evocar o termo “psicoterapia” é trazer a consciência uma série de conceitos voltados ao cuidado com a psiquê,

Almeida (1988) nos fala que o termo compreende um conjunto de procedimentos de ordem psicológica usados para a prevenção, manutenção e/ou recuperação da saúde mental do indivíduo, não obrigatoriamente vinculado à existência patológica de ordem

psíquica ou deficiência no desenvolvimento cognitivo, como também apta a lidar com questões de cunho existencial, tomada de decisões e adaptações a novas realidades.

Basicamente a psicoterapia há de lidar com os elementos que venham a repercutir de forma relevante na vida psicoemocional do homem.

Atualmente existem diferentes abordagens teóricas responsáveis pelo direcionamento e alinhamento dos acompanhamentos psicoterápicos, cada um com características específicas, fundamentação e metodologias próprias de seus idealizadores.

O recorte clássico da terapia individual, a relação exclusiva paciente-terapeuta e o setting psicoterápico ortodoxo foi o cenário, configuração essa chamada por Fonseca (1980) de psicoterapia de gabinete e de confessionário (por lembrar a relação do fiel que se confessa a um ser superior na busca da redenção de seus pecados em determinados contextos religiosos) encontrado pelo Psicodrama em seus anos de insurgência.

O Movimento psicodramático simboliza a ruptura dos moldes clássicos de atendimento psicoterápico, Moreno propõe a passagem do foco exclusivo no indivíduo para o grupo. Fonseca (1980) sinaliza a contribuição psicodramática como fim da psicoterapia fechada, sussurrada, e assim iniciando o movimento de encontro com a verdade, da relação do contato com o outro e conseqüentemente com a vida. Moreno (2016) desenvolveu uma teoria abrangente suficiente para promover a catarse a nível grupal assim como em sua medida de unidade.

O Indivíduo crédulo na segurança de seu refúgio individual, assim como diz Moreno (2016), terá de sacrificar a segurança e privacidade prometidas pelo refúgio individual para confiar e confrontar no grupo a resolução de demandas antes particulares que passaram a ser vistas como propriedades psicológicas públicas.

Sobre a catarse (movimento de liberação, transformação e até mesmo de purificação), Aristóteles definia o processo catártico em sua poética como sendo o objetivo primário da tragédia em produzir a liberação de tais emoções antes não acessíveis pela demonstração do exercício do medo e da piedade.

Como visto em Almeida (2010), no psicodrama temos a elaboração do conceito da catarse de integração, extrapolando o processo de transformação exclusivamente individual e estabelecendo-se como uma cadeia sequencial e sistêmica de pessoas, papéis e cenas, a

ação do protagonista cena após cena, representando seu drama pessoal influiriam em uma catarse grupal ou coletiva, trazendo um processo de insight no grupo enquanto unidade, a partir do protagonista, mesmo que seus indivíduos direcionem essa atualização comportamental para as especificidades de seus cotidianos particulares.

Almeida (1988) comenta que o uso da palavra drama, na construção do Psicodrama por parte de Moreno, remete a seu significado mais específico: a ação cênica. No teatro terapêutico que precedeu a terapia psicodramática, buscava-se a catarse de integração através da ação, do corpo, das concretizações, da inversão de papéis, do duplo, do espelho.

Na sessão psicodramática o tema protagonizado não precisa obrigatoriamente condizer com a verdade, sendo possível trabalhar qualquer cena que contribua para as necessidades do protagonista tendo em foco o seu aqui-e-agora, assim chamada “realidade suplementar”, terá a mesma importância no palco do psicodrama como qualquer outro acontecimento ocorrido na vida real, superando as limitações da exclusividade do funcionamento puramente verbal.

O psicodrama pode ser definido como a ciência que busca a “verdade por meio de métodos dramáticos, trabalhando como relações interpessoais e mundos privados” (Fox, 2002. P.45)

Através do ambiente psicodramático, segundo Almeida (1988) é possível trabalhar os pólos contrários da natureza humana, acessando conflitos para incentivar o protagonista a trabalhar sua criatividade aquecendo em seguida a espontaneidade para lidar com as conservas culturais que podem estar cristalizando ou prejudicando seu bem estar social assim como sua saúde mental, a conclusão alcançada pelo indivíduo e pelo tema protagonizado abre possibilidades para todos os indivíduos envolvidos naquela sessão processarem seu próprio material subjetivo.

Espontaneidade e criatividade são ferramentas transformadoras na vida do protagonista, esse relacionamento e sua conceituação são descritos por Fonseca (1980) ao discernir que a criatividade estaria presente na essência e na alma de todo o composto orgânico, o fator criativo estaria presente de maneira universal, contudo, para ser utilizada de maneira eficaz seria necessário uma substância aglutinante ou catalisadora: a espontaneidade. Este último corresponde ao arsenal de respostas adequadas frente às novas

situações como também uma nova forma de lidar com situações já conhecidas, a qualidade do movimento espontâneo se mede na adequação à situação confrontada.

O Aquecimento do processo criativo/espontâneo permite o protagonista a lidar com as “conservas culturais” mais conscientemente. Moreno (2016) elabora o conceito de conserva cultural como sendo o produto finalizado de uma obra, o produto resultante do processo criativo-espontâneo da criação. Através das conservas podemos construir identidade ritualística e cultural, concretizar uma identidade seja individual ou social, determinadas conservas servem para a manutenção do bem estar social e da comunidade, como o conjunto de leis e regras que regem um país, por exemplo. O adoecimento ocorre quando o indivíduo se acorrenta a uma “conserva cultural” descontextualizada de suas necessidades físicas e psíquicas atuais, sem serventia. O que já foi espontâneo deixa de sê-lo ao cristalizar-se.

Ramalho (2011) nos esclarece que no reino do psicodrama, a fantasia e a realidade estão em relação íntima, mantendo as devidas proporções, uma vez que essas proporções são desbalanceadas pode ocorrer um quadro patológico. Na realidade dramática, por exemplo, as fantasias são aceitas pelo grupo, exteriorizam-se com papéis psicodramáticos realizados no palco. Busca-se no psicodrama uma nova separação da realidade / da fantasia, uma harmonia desses dois mundos, dos reais posicionamentos da pessoa no jogo de interações de papéis na família, no grupo, na sociedade.

O facilitador de uma sessão psicodramática dispõe de um verdadeiro arsenal técnico para conduzir o grupo terapêutico, essas técnicas servem para intervir durante momentos chave das cenas (role-playing), a dramatização propriamente dita é a etapa do “como se”, onde se trabalha com a realidade suplementar. Em geral é o clímax da sessão, embora nem todas as sessões possam culminar numa cena dramatizada, ela é o ponto nuclear da sessão, o momento de criação maior, quando os personagens, já definidos, ganham vida.

## 2.6 TÉCNICAS

As técnicas não devem ser vistas como a finalidade objetiva de uma sessão, não é obrigatória as suas aplicações em todas as sessões, são apenas ferramentas para nortear as ações do protagonista. A qualidade de aplicação dependerá do nível de aquecimento tanto do grupo ou do indivíduo assim como do facilitador ou terapeuta.

Por mais que o leque técnico seja variado e cubra uma variedade de situações, não é sensato cristalizá-las ou se ater exclusivamente às técnicas clássicas, cabendo ao facilitador se manter flexível, e improvisar de forma adequada, mediante os postulados éticos e filosóficos do Psicodrama sua própria metodologia de trabalho, só ele conhecerá as especificidades do grupo que está coordenando. Faz-se necessário aceitar o tipo de psicodramatista que se é, quais são as suas características, pontos altos e baixos, forças e fraquezas, sem comparações desnecessárias. Tendo isso em vista é possível elaborar uma metodologia terapêutica que se encaixe nas necessidades do grupo e no perfil de seu facilitador.

Dentre as numerosas técnicas presentes no psicodrama existem as técnicas básicas sendo elas: o duplo, do espelho e a inversão de papéis, no desempenho deste trabalho foram acrescidos o onirodrama e o *Sandplay* psicodramático.

#### 2.6.1 Duplo

Para Gonçalves (1993) o duplo é validado quando o protagonista não consegue expressar verbal e adequadamente o que vem elaborando internamente, inadequação em transformar a emoção em verbo, o silêncio ou a dificuldade são a deixa para o ego auxiliar ou diretor (dependendo da situação, grupo ou bipessoal) entrar em ação “emprestando” sua voz, decodificando a fala do protagonista para um melhor entendimento tanto para os demais integrantes do grupo quanto para ele mesmo.

Por ser uma abordagem técnica interpretativa, deve ter como fundamentação a observação da postura e do contexto ali representado, Gonçalves (1993) aponta a eficácia de um duplo quando aceito pelo protagonista que vê o ego-auxiliar como um tradutor. Não é espaço para problematizar ou gerar conflitos, caso assim seja recebido o duplo pelo protagonista, o mesmo pode antagonizar o ego-auxiliar, o diretor ou terapeuta.

Cuckier (1992) descreve uma boa aplicação do Duplo através de uma somatória de passos, o terapeuta assume a postura do paciente no intuito de promover a empatia entre os dois, com o intuito de aquecer-se para o uso da técnica pode até repetir as últimas frases do paciente. Em seguida põe em questionamento o sentimento do paciente apresentado até ali buscando uma exploração de novas possibilidades dentro daquele papel, concluindo com a efetivação de uma dessas novas perspectivas.

### 2.6.2 Espelho

Gonçalves, Wolff e Almeida (1998) referenciam a técnica do espelho como a intervenção do terapeuta ou ego-auxiliar em se colocar na postura física assumida pelo paciente, em determinado momento da dramatização, com o objetivando permitir ao protagonista, olhando para si (de fora da cena), possa assim se perceber melhor.

A incapacidade de representar a si mesmo é o momento segundo Moreno (2006) para o ego-auxiliar intervir na cena e dramatizar novamente a cena partindo do ponto em que o protagonista parou. A técnica pode tender ao exagero ou a maximização de determinado ato para evocar no indivíduo a vontade de voltar à cena e readequar a postura maximizada/exagerada saindo de uma postura passiva para uma atitude ativa.

### 2.6.3 Inversão de papéis

A Técnica da inversão de papéis se tornou a mais conhecida de Moreno. Provavelmente, entre as técnicas clássicas é a mais utilizada na clínica psicodramática. Propicia, além da vivência do papel do outro, o emergir de dados sobre o próprio papel que, sem este distanciamento, não seria possível.

Gonçalves (1993) nos explica que o desempenho da inversão de papéis só é possível quando os papéis estão fisicamente presentes na cena, o protagonista encarna o antagonista e vice-versa, aqui a vivência psicodramática permite a experiência de ser o outro e perceber com o outro o vê, esse embate permite aos integrantes alcançarem insights terapêuticos.

### 2.6.4 Onirodrama

A técnica do Onirodrama consiste basicamente em recolher o material do sonho narrado por um paciente e leva-lo para a ação dramática, levando a imagética do mundo onírico à concretização da cena psicodramática.

Wolf (1993) nos aponta que a narrativa do sonho não acontece como em outras abordagens, o paciente recria a situação de dormir e aproxima-se o mais fidedignamente da realidade que estava ao ter o sonho, devidamente aquecido faz uso dos egos-auxiliares disponíveis para remontar a cena. Sendo mais importante a atuação do sonho pelo paciente do que a interpretação do mesmo pelo terapeuta.

Ao se trabalhar com o sonho é preciso considerar quatro etapas na produção do psicodrama deste tipo de material como vemos segundo Moreno (apud Wolf 1993). São elas: fase 01, onde o sonhador descreve todos os elementos como realmente aconteceram, a fase 02 onde o sonho entra no contexto de ação dramática, a fase 03 os elementos apresentados são mexidos e experimentados, conclui-se com a fase 04 em que o sonhador pode aplicar a futuros sonhos o aprendizado obtido nas experiências com o onirodrama vivenciado anteriormente.

#### 2.6.5 Sandplay Psicodramático

Acompanhando os fatos elucidados por Ramalho (2010) o *Sandplay* psicodramático é o resultado da interface de experimentos e abordagens teóricas entre o psicodrama de Moreno e a psicologia analítica de Jung, aproveitando da profundidade interpretativa do método analítico com a potência da ação psicodramática, partindo da premissa de que a concretização das imagens abstratas em geral é um eficaz e importante recurso terapêutico, busca-se o efeito catártico integrador ao promover o embate entre os personagens apresentados.

A técnica tem início, segundo Ramalho (2010) na intervenção do terapeuta ao pedir que seus clientes escolham sem critério pré-definido as miniaturas disponíveis que chamarem atenção dos mesmos. Usando da imaginação um contexto ou cenário é montado. Uma vez estabelecido o enredo propõe-se ao cliente que dramatize a cena criada, colocando-se inicialmente no papel de cada elemento escolhido e falando como se fosse o personagem escolhido. A partir daí pode-se experimentar as demais técnicas psicodramáticas, solilóquio, duplo, espelho, inversão de papéis usando os personagens da caixa como egos-auxiliares.

Ramalho (2010) conclui que o indivíduo ao experienciar a realidade suplementar provida pelo *sandplay*, possibilita-se a vivência de seus mitos pessoais e coletivos, sonhos, delírios e fantasias construindo em cumplicidade com o terapeuta uma alternativa de dramatização, as cenas podem ser re-criadas quantas vezes se forem necessárias até que se alcance o movimento espontâneo-criativo almejado.

### 3 METODOLOGIA

O Presente trabalho é o fruto da pesquisa de intervenção ativa e subsequente análise de dados provenientes das experiências vivenciadas junto a um grupo terapêutico composto por três homens de faixa etária entre vinte e cinco a trinta e nove anos.

A atividade desenvolveu-se por meio de vinte e quatro sessões de psicoterapia de grupo, totalizando seis meses de trabalho. Os encontros aconteceram na sede da PROFINT – Profissionais Integrados LTDA situada na cidade de Aracaju-SE.

Para convocar o grupo foi feito um anúncio nas redes sociais, VIDE anexo A, assim como divulgação através de *e-mail* e *Whatsapp*. Disponibilizaram-se seis vagas, sem distinção de gênero e com a característica de apenas adultos poderem participar (a partir dos 18 anos), cinco foram preenchidas inicialmente, três homens e duas mulheres, estas últimas precisaram sair do grupo por questões diversas, restando Aurélio (39 anos), David e (25 anos) Jason (29 anos), os nomes aqui apresentados são fictícios.

Na primeira sessão foi realizado um contrato inicial, no qual os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), vide anexo B, permitindo a utilização do material colhido durante as sessões para a elaboração desta pesquisa. Do mesmo modo, fora passado noções iniciais sobre a temática da Jornada do Herói e as regras éticas e de convivência necessárias na vivência terapêutica.

O método utilizado na condução das sessões fundamenta-se nos postulados da teoria de Jacob Levy Moreno. Segundo Ramalho (2011), a totalidade da obra Moreniana é a Socionomia, que consiste no estudo das leis que regem as relações humanas. Os principais ramos da teoria sociométrica são: a sociodinâmica, a sociometria, e a sociatria, explicados pela autora da seguinte forma:

A sociodinâmica é a parte da socionomia que estuda o funcionamento das relações interpessoais (seu principal método é o *role playing*); a sociometria estuda a estrutura destas relações e a mensuração de relações entre as pessoas (seu principal método é o teste sociométrico). Por fim, a sociatria, que é a terapêutica das relações sociais, onde encontramos o psicodrama, a psicoterapia de grupo e o sociodrama (RAMALHO, 2011, p.42).

Na sequência do pensamento de Ramalho (2011), compreende-se que inseridos na sociatria existem três formas de trabalho, apresentadas da seguinte maneira:



Na sociatria, existem três formas de trabalho em grupos: o psicodrama é o tratamento através da ação dramática do protagonista em grupo, o sociodrama tem como protagonista sempre o próprio grupo e a psicoterapia de grupo, que prioriza o tratamento das relações interpessoais, inseridas na dinâmica do grupo (RAMALHO, 2011, p.42).

Desse modo, trabalhamos com a Sociatria e suas ramificações: a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama, sendo os dois primeiros a estratégia de ação utilizada no trabalho aqui percorrido. As ferramentas contidas no método que apareceram de forma enfática ao decorrer da direção do grupo terapêutico foram o duplo, o espelho, a inversão de papéis, o onirodrama e o *Sandplay* psicodramático.

Cabe acrescentar também que, neste trabalho, associamos metodologicamente a jornada do herói original proposta pelo professor universitário e mitólogo Joseph Campbell, contendo dezessete passos, ela aparece neste contexto em sua versão adaptada pelo roteirista de Hollywood Christopher Vogler e suas concentradas doze etapas.

O objetivo de escolher o motivo arquetípico mitológico do herói teve mais de um propósito: servir como eixo condutor das sessões, na escolha das dinâmicas que seriam dramatizadas, e auxiliar na condução do grupo no sentido que a experiência deveria ter começo, meio e fim, diante da finalidade técnica presente na confecção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Além disso, a Jornada do Herói possui também um apelo de *marketing* na captação dos pacientes, pois há uma recente exploração da cultura *pop* voltada à figura do herói presente nos quadrinhos, nas séries de televisão e mais preponderantemente no cinema. A seguir definimos um pouco melhor o método psicoterápico utilizado neste trabalho: a Psicoterapia de Grupo Psicodramática.

## 4 DESCRIÇÃO E PROCESSAMENTO TEÓRICO DO CASO

### O Acordar do Samurai, A busca pelo Canto da Sereia e o Alvorecer de um Homem

#### 4.1 Aurélio

Aurélio é um homem de quase quarenta anos, pai de um filho, trabalha na área da informática, casado, enfrenta uma crise no relacionamento causada por uma traição, situação essa que o incentivou a buscar acompanhamento psicológico individual e grupal. Não é sabido ainda se essa relação irá encontrar uma forma de se harmonizar ou caminhará para uma separação; o certo é que hoje, Aurélio está muito angustiado, problemas de insônia, quedas de humor e dificuldades de relacionamento interpessoais agravadas pelas recorrentes discussões com a companheira. O único terreno comum que os dois conseguem, eventualmente, conviver é quando se trata da criança, hoje com quatro anos.

Descreve seu mundo comum, cotidiano, como uma vida de passividade, onde sempre procurou evitar conflitos, dos maiores aos menores, o que causava um desconforto muito grande por parte da esposa. Esta, constantemente exigia dele uma posição mais assertiva sobre as opiniões e atitudes do dia-a-dia (exemplo: onde iriam comer, passar as férias, resoluções para com o filho e afins), porém pela timidez ou pela conformidade, Aurélio sempre se reservou. Mesmo incomodado ou descontente, não era de seu feitio manifestar-se para mudar a si mesmo ou a situação estressante, o fogo de suas emoções estava brando, não havia bem nem mal, apenas o “normal”.

Considera a si mesmo uma pessoa preguiçosa, sem ímpeto de correr atrás de seus objetivos, preferindo as situações de satisfação imediata às que requerem planejamento e dedicação.

Devido os acontecimentos em seu relacionamento, acabou saindo de casa, o que gerou uma série de consequências na rotina, agora já não pode contar com a esposa para tomar as decisões; ao contrário, o porto seguro, agora se apresenta como um equilíbrio frágil entre a calma e a tempestade. Com relação ao seu filho sempre teve muita autonomia, porém, Aurélio agora precisa encontrar dentro de si não somente uma forma de reatar seu relacionamento (objetivo esse que deixa claro querer conseguir), mas também acordar em si o papel do guerreiro, tanto para enfrentar a guerra vindoura (a traição por parte dele gerou uma cadeia de eventos que culminou numa situação judicial com a pessoa com quem se envolveu), quanto para ser o homem que ele acredita poder ser. Compreende

ao reatar o relacionamento em suas condições atuais nada vai mudar, os mesmos fantasmas (conservas) irão persegui-lo e eventualmente, destruí-lo (cristalizá-lo).

Paralelo ao caminho do guerreiro, Aurélio redescobriu sua necessidade de exercitar a espiritualidade, pois esta se apresenta em estado latente. Esse caminho iria ajuda-lo a voltar para dentro de si, em busca das respostas necessárias. Como ele mesmo relata: “Não adianta nada conseguir ela agora, nada mudou, se voltarmos agora é provável que terminemos de novo, cedo ou tarde.” (sic). E assim, querendo ou não, a vida o obrigou a aceitar o chamado da aventura, reavaliar os papéis desempenhados, e sua jornada teve início.

#### 4.1.2 David

David é um jovem de vinte e cinco anos na plenitude de sua força, confiante, determinado e ousado, é persuasivo e tem noção das suas capacidades de sedução. Trabalha na área técnica e é músico de coração, neste momento está finalizando seu mestrado, começando sua batalha profissional em busca da tão desejada independência financeira.

Está em processo terapêutico individual há mais ou menos dois anos, vem trabalhando questões sobre escolhas de vida e processos referentes a seu relacionamento afetivo. Além da conclusão do mestrado e da música, está envolvido na empresa do pai onde pretende assumir cada vez mais responsabilidades, busca algumas oportunidades para lecionar nas universidades. Enfrenta um quadro de enxaqueca crônica em determinados períodos de sua vida, assim como episódios agudos de ansiedade que acarretam quadros de insônia e alterações em seu humor, oscilando entre a angústia e agressividade.

A história de David gira em torno de seu atual relacionamento, este veio após um namoro de aproximadamente cinco anos, terminado pelo mesmo em busca de se conhecer melhor, enquanto homem e pessoa:

“Eu fazia coisas sem perceber, coisas que não eram tão boas, fazia porque sabia que não teria problemas, a situação estava muito confortável, estava tudo muito definido e quando percebi, descobri que só poderia evoluir se acabasse com o relacionamento e me visse tendo que lidar com outras situações”.(sic)

Durante os anos de 2014 e 2015 passou por incontáveis turbulências em seu novo relacionamento, precisou se reescrever, teve sua confiança assim como suas certezas abaladas, flertou com a morte, deitou com a insegurança e se entregou às mudanças que tanto desejava.

O novo relacionamento também encontrou o seu desfecho, mas este não foi tranquilo, era constantemente confrontado pelos demônios que persistiram, pelos não ditos, pelas verdades não contadas e pelas verdades que acreditava precisar ter. Nunca houve certeza deste fechamento, houve uma breve relação com uma moça, mas no decorrer do trabalho do grupo acabou reatando com sua ex-companheira, o que trouxe paz em alguns momentos, mas também trouxe de volta antigos dilemas.

Temos um homem que deliberadamente e por vontade própria convidou a aventura à sua vida. Assim começou a sua jornada.

#### 4.1.3 Jason

Jason é um rapaz de trinta e três anos, coração jovem, o tipo de pessoa que anima o lugar em onde se encontra. Um homem de várias mulheres, afirmando não estar no momento de se fixar em um relacionamento. Possui histórico de relacionamentos consecutivos, o último durando seis meses. No momento está trabalhando em uma microempresa, terminando um curso de Ciências Humanas e é pós-graduando. Chegou a cursar a área técnica das exatas, mas descobriu não ser sua vocação, deixando o curso no oitavo período.

A espiritualidade é um traço marcante em Jason, costumava estudar a literatura e se envolver em atividades religiosas voltadas ao espiritismo, mas foi gradativamente se afastando desta vivência, atribuindo às constantes e crescentes demandas do dia-a-dia, como o trabalho e a faculdade.

Questiona sua dinâmica familiar, sentindo viver em mundo a parte, como alguém não pertencente, com valores e conceitos outros daqueles vivenciados em seu núcleo. Tem uma boa relação com o irmão, mas com os demais apresenta queixas conflituosas, às vezes de incompreensão, às vezes de abandono. Paralelo a isso, é um homem de vida social agitada, uma rede de amigos vasta e que aparenta serem próximas, relações que suplantam as deficiências do âmbito da família.

Existe um discurso repetente de “retomar à vida” assim que conseguir sair da faculdade; deseja uma mudança em diferentes âmbitos de sua vida, voltar a exercitar sua espiritualidade, o cuidado com o corpo, mudar a forma de se vestir, encontrar um hobby, uma mudança completa na sua filosofia de vida, mas o porquê do abandono destas áreas ou a necessidade de encerrar este ciclo acadêmico antes de empreender tais mudanças ainda é um mistério.

Jason é um homem que está tentando reencontrar quem costumava ser para descobrir o homem que pode vir a surgir nesse momento de definições de sua vida. O chamado da aventura o encontrou no meio do caminho. E assim sua jornada começou.

#### 4.2 O Bosque das Máscaras e o Encontro com o Mentor

Após superarem as amarras que os prendiam aos seus respectivos cotidianos ou “mundos comuns” os três protagonistas desta história foram guiados ao Bosque das Máscaras. Trinta máscaras foram postas no chão, organizadas lado a lado, formando cinco filas contendo seis máscaras cada. Para maior imersão na técnica, foi utilizado aquecimento inespecífico focado na respiração. Foram dadas as seguintes orientações:

Inicialmente foi pedido que observassem o ritmo da respiração sem alterá-la; logo após, uma contagem decrescente de 10 até 0 teve início, onde os integrantes do grupo, enquanto caminhavam pelo “bosque”, deveriam inspirar o mais profundo e expirar o mais suave quanto pudessem, colocando para fora as tensões e preocupações de suas rotinas. Paralelo a este movimento, perambulavam entre as máscaras, observando os detalhes, desligando-se do mundo exterior e permitindo a imersão num mundo mágico.

Devidamente aquecidos, era chegada a hora de conhecer os mentores que acompanhariam os heróis nas suas jornadas. O mentor seria a personificação do papel do Velho Sábio, a figura que iria guiar o herói durante seu caminho de adversidade, assim como inspirá-lo e instruí-lo, algumas vezes podendo chegar a presenteá-lo com um importante item.

Sendo assim, no imaginário Bosque de Máscaras três personagens emergiram escolhidos cuidadosamente pelos nossos protagonistas, sendo eles: O Samurai, A Morte e a Bisavó.

#### 4.2.1 Aurélio e o Samurai Sombrio

Para explicar a escolha da máscara intitulada “Samurai”, Aurélio nos relata dois sonhos que teve recentemente.

##### Sonho 01

“Estou sendo perseguido, há varias pessoas tentando me alcançar, sinto medo, não vou conseguir fugir e eles são muitos. Estou correndo pelas ruas de uma cidade desconhecida, quando surge um homem à enfrentar meus algozes, de alguma forma ele os imobiliza e um a um vão caindo, não sei quem é este homem, mas é muito forte, pois já não vejo ninguém atrás de mim, apenas ele vindo me tranquilizar.”

##### Sonho 02

“O ambiente ao redor me lembra muito um Dojô japonês, visto um kimono branco e nas minhas mãos tenho uma Katana (espada samurai); nunca usei uma dessas, não sei nem por onde começar, eis que novamente surge aquele homem do sonho anterior, ele veste um kimono preto e carrega um Boken (espada de bambu muito utilizada nas aulas de esgrima na cultura Japonesa). Lentamente posiciona-se ao meu lado e passa a me mostrar um movimento de corte, de baixo para cima. Fico ali então, imitando tudo o que ele faz.”

Aurélio também conta que escolheu a máscara por ela ser assustadora, segundo ele, os antigos guerreiros samurais costumavam ir à guerra portando máscaras de demônios e feras mitológicas na tentativa de amedrontar seus oponentes.

“A melhor parte é que não importa se você também está com medo, depois de colocar a máscara ninguém pode lhe ver e assim você se fortalece, consegue terminar a missão.” (sic).

O símbolo deste guerreiro significa muito para o paciente, representa muitas das características que sempre lhe faltaram e que admira desde muito jovem: a combatividade, o ato de ir para a guerra, a disciplina, o ser forte e ser reconhecido como tal. Afirma: “sempre preferi evitar conflitos, permanecer na minha zona de conforto...”, “sou muito desleixado, deixo meus projetos pessoais de lado constantemente, perco o entusiasmo com muita facilidade” (sic). Como visto anteriormente, essa passividade protagonizou muitos conflitos na relação conjugal.

Despertar o papel psicodramático do guerreiro será crucial em sua jornada, tanto pelo que irá enfrentar na tentativa de recuperar seu relacionamento, como também acredita não poder voltar a ser o homem que sempre costumou ser, não poderia voltar à relação carregando as mesmas formas de funcionar, as velhas conservas teriam de ser confrontadas.

#### 4.2.2 David e o Flerte com a Morte

Em sua caminhada pelo bosque, David acaba por se deparar com uma antiga conhecida, aquela que durante o momento mais escuro resolve bater em sua porta e estender os dedos confortáveis, porém gélidos, de uma solução permanente para os problemas enfrentados em seu relacionamento.

O jovem comenta então o motivo da escolha, as revelações aprendidas ao se deparar com os pensamentos suicidas da época. Relatou sobre como sua antiga confiança, atitude e postura simplesmente tinham deixado de existir, como pouco a pouco foi se excluindo e se omitido no namoro até o desesperado momento em que acreditou não haver solução para o dilema que relutantemente persistia, entre ele e a companheira.

“Eu tentei de tudo, tentei ser compreensivo com as loucuras dela, com as excentricidades, mas antes de eu me recuperar de uma “patada” já vinha outra por cima, não conseguia nem ter tempo para me curar que outro golpe já abria as feridas” (sic).

Pouco a pouco as perspectivas de David diluíam em uma tormenta de ansiedade e angústia, somadas aos desentendimentos cada vez piores e mais frequentes, até encontrar a possibilidade de uma solução. “E se tudo acabasse?” (sic). Ao dialogar com o espectro da morte, nosso herói aprende uma lição sobre a finitude das coisas, “eu precisava dar um fim àquilo, e não minto, pensei em dar um fim em mim mesmo, mas me percebi e vi o quanto tinha afundado nessa história toda, era hora de fazer algo” (sic).

O fim, não como algo definitivo, mas como a semente para o recomeço de algo novo, como o desapegar das correntes que o puxavam rio abaixo, a finitude como potencial criativo e germinador da própria vida, foram lições que o levaram a esse insight.

A morte também o ajudou abrir espaços dentro de si, permitindo que novos valores, novas formas de funcionamento e interação pudessem encontrar espaço para se manifestar,

iniciando assim o processo de mudança visado anos atrás, quando decidiu romper o antigo relacionamento.

#### 4.2.3 Jason e os Laços que nos unem

Fé. O Que seria a fé? Esta força mística que move a humanidade, o sopro de vida que consegue elevar o homem a níveis excepcionais, a habilidade de se atirar no escuro e acreditar que as coisas ficarão bem, o levantar de manhã cedo quando todas as probabilidades mandam você continuar deitado. Fé em um símbolo, figura ou instituição religiosa, o objeto o qual a fé será direcionada, ou traçar uma verdade absoluta e científica sobre a mesma não é o objetivo deste trabalho, mas a ideia de construir um sentido particular de fé sim, pois Jason está em conflito com a sua.

É sabido que este herói costumava ter um exercício espiritual contínuo e aplicado, porém tais práticas se perderam pelo caminho, assim como sua fé nos que estavam ao seu redor, no âmbito familiar. O afastamento foi claro e cada vez mais o isolamento era compensado por relações auxiliares, namoradas e amigos. Contudo, existe uma lacuna, algo não preenchido e este vazio foi o que o impulsionou em sua jornada. Há vários papéis emergentes: “Que tipo de profissional serei? Quando estarei pronto para o próximo relacionamento? Será que existe alguém para mim? Qual tipo de família eu quero ter pra mim?”

Perguntas e mais dúvidas ecoam pela mente de Jason enquanto perambula pelo bosque, até o sincrônico momento em que se depara com uma máscara que reúne em sua forma fenômenos que se configuram em conflito no âmago de sua consciência: fé e família. Eis que surge a figura da Bisavó.

Enquanto viva, a personagem da Bisavó representava um local de repouso e acolhimento, família em primeiro lugar. Desempenhava um forte papel de guia espiritual. Somando a estas características está um senso de humildade e um código de conduta baseado na justiça e no bem estar do coletivo, herdados de forma rígida pelo jovem que futuramente precisaria confrontar os alicerces do bem e do mal, contidos em sua herança moral. Jason relata dois sonhos em seguida:

Sonho 03



“Estou voando, sobrevoando uma cidade que me parece com um interior que eu costumava visitar, vejo as pessoas embaixo de mim, morros e rios. Por onde passo, percebo estar fazendo bem àqueles lá embaixo. De repente vejo uma igreja, com uma cruz alta e tenho a necessidade de me agarrar à ela, sinto meus poderes de voo começarem a falhar e preciso alcançá-la para não cair.”

#### Sonho 04

“Estou voando de novo, o cenário é muito parecido com meu sonho anterior, mas desta vez vejo um aglomerado de pessoas precisando de ajuda, decido pousar. Estão reclamando de algum problema com a água, parece que estão com sede ou algo parecido, com as mãos consigo manipular e trazer as águas de um rio próximo, as pessoas aplaudem e sorriem. Sinto ter salvado o dia, não fazia ideia de ter esse poder, mas ainda não estou satisfeito. Saio voando direto para casa, preciso mostrar minhas novas habilidades à minha família, sei que ficaram orgulhosos. Em casa descubro poder manipular o fogo e outros elementos, todos me parabenizam, me sinto ótimo.”

A cidade narrada por duas vezes nos é explicada como a cidade de sua bisavó. Temos no primeiro sonho a necessidade de se ancorar em uma cruz, para não cair, para não se quebrar na queda livre até o chão, a negação do tombar e o medo de falhar, uma vez que estão todos lhe observando. A cruz é traduzida pelo protagonista como a necessidade de ter a fé como suporte e orientação de suas ações, uma vez que, por mais “bem” que faça, sem a fé não teria sentido. No segundo sonho temos o manifestar de um potencial mágico capaz de dobrar os elementos da natureza à sua vontade, como um alquimista; esse poder parece precisar ser empregado para o bem e para os outros, pois no sonho é necessário saciar a sede alheia.

Mesmo sendo bem sucedido em sua tarefa, o senso de incompletude permanece, sendo saciado apenas quando este demonstra suas novas habilidades para sua família reconhecê-lo e parabenizá-lo, confortando assim as necessidades de estima de Jason.

Vemos nos dois sonhos os resquícios e consequências do código moral herdado, a exigência para estar praticando o bem e a ajuda ao próximo, o medo de perder os poderes que dariam a ele a capacidade de estar praticando as boas ações, a necessidade de compartilhar e ser notado pela família por seus esforços e habilidades excepcionais (mesmo tendo ajudado as pessoas com problemas de sede e sobrevivência, só se satisfaz

quando é reconhecido pelos seus familiares). Assim como o conflito interno para com sua espiritualidade (o poder de voo só é ameaçado quando a cruz aparece em seu campo de visão).

A Mentora, trazida pela máscara da Bisavó, nos dá pistas sobre os passos pelos quais este herói deverá passar em sua futura caminhada.

#### 4.3 A Caminhada e o firmamento do grupo

Antes de continuar com a evolução do trabalho é importante esclarecer alguns processos pelo qual o grupo passou. Até então conhecemos três protagonistas, porém nem sempre foi assim; no início éramos seis, o facilitador e cinco integrantes (duas mulheres e os três homens), porém as integrantes femininas faltavam às sessões com frequência, não houve dia em que as duas estivessem presentes no mesmo encontro, eventualmente ambas decidiram abandonar o grupo. Houve até o interesse de uma terceira moça, entrou em contato efetuou os procedimentos de inscrição e antes mesmo de começar alegou que não poderia integrar no grupo.

Sobreviveram três, três homens, três faixas etárias diferentes, três histórias e três vidas.

Nas sessões seguintes a coesão grupal tomou forma, os integrantes conseguiam interagir entre si, brincavam, riam e curtiam, era possível ouvi-los conversar desde a sala de espera da clínica onde o trabalho foi realizado. O elo que os heróis estavam forjando evidenciava um fenômeno que o facilitador (este quem vos escreve) pareceu demorar a perceber. Este seria um grupo de homens, jovens amadurecendo, adultos podendo ser crianças, o “macho” se flexibilizando. O Masculino foi se tornando o protagonista grupal, assim como o propósito maior pôde emergir quando as integrantes femininas decidiram trilhar outros caminhos.

O grupo havia transposto o que Campbell descreve como “umbral ou limiar”; o mundo comum ficou para trás, o chamado da aventura fora aceita, a recusa superada, o mentor encontrado e agora estávamos imersos no mundo mágico. Com a crescente vinculação entre os integrantes, foi possível observar a fase onde os heróis procuram uns aos outros na tentativa de se ajudarem nos obstáculos previstos. Tal etapa na Jornada é

conhecida como passo 06: Aliados, testes e inimigos. O terreno estava sendo preparado e, para ilustrar esta fase, o *sandplay* foi convocado.

Com as miniaturas expostas e dadas as instruções iniciais sobre o jogo de areia, foi feito um breve aquecimento onde os integrantes deveriam mentalizar, de olhos fechados e da maneiras mais confortável que encontrassem, suas rotinas, enquanto o facilitador verbalizava algumas orientações:

1. “Quem em seu cotidiano atual, representa uma figura de apoio, quem lhe ajuda a lidar com as situações corriqueiras do dia-a-dia? Quem está do seu lado para resolver as “brincas” pesadas? Quem pode ser considerado um aliado?”

2. “Quais são as pessoas ou situações que se apresentam como obstáculos? Atualmente quais são os empecilhos que lhe impedem e alcançar seus objetivos, de cumprir suas metas? Quais são as forças que se organizam para impedir o avanço do herói?”

3. “Construam essas imagens mentalmente e, no devido tempo, abram os olhos e observem as miniaturas expostas; escolham aquelas que se associarem com as imagens construídas do exercício anterior. Quando estiverem prontos coloquem as miniaturas na caixa de areia para podermos prosseguir.”

#### 4.3.1 O Desafio de Aurélio: Tentação, Preguiça e Objetivo

Aurélio desenhava seu cenário enquanto alocava as quatro miniaturas escolhidas, sendo elas: a bruxa, o guerreiro, a televisão e o cisne de prata, vide anexo C. Como combinado, o herói nos descreve as representações em sua construção.

A bruxa e a televisão compõem as forças contrárias ao avanço do herói, seriam seus inimigos ou obstáculos a serem superados. O Guerreiro simboliza o papel psicodramático que está tentando protagonizar e o cisne de prata, abraça o objetivo de sua jornada.

A bruxa para ele representa a mulher com quem se relacionou e deste relacionamento desenrolou-se a cadeia de eventos que culminara no fim de seu casamento, no começo de seus problemas, no rompimento de seu mundo comum e no início de sua jornada.

“Não digo que sou ingênuo, mas realmente não percebi o que estava acontecendo, sinto que ela me usou, pensei sermos amigos e que não passavam de ‘brincadeiras’, mas a coisa acabou saindo do previsto, quando me percebi a coisa já tinha acontecido, a sensação que fica é que fui usado, não sei o porquê, mas fui...” (sic).

A televisão representa um problema recorrente na vida do herói, pois desde sempre teve facilidade de dispersar, perder o foco e a atenção, especialmente quando está envolvido em algum projeto pessoal, alguma atividade do trabalho ou da vida acadêmica, que irá cobrar dele um nível maior de disciplina ou comprometimento. Comenta não conseguir resistir às “tentações”.

“É muito fácil perder o rumo, tenho alguns artigos para escrever por conta do mestrado, várias coisas atrasadas para ler, quando sento e resolvo dar continuidade a essas atividades logo me perco; lembro que algo está passando na TV, vontade de jogar no computador ou até mesmo paro e fico sem fazer nada, até dizer a mim mesmo que estou com sono e que amanhã eu compenso. Desde que me conheço como gente foi assim.”(sic)

O guerreiro é o próprio Aurélio, ou melhor, é a força espontânea criativa que está tentando despertar em eu âmago, na luta contra a passividade que o acompanha. Esta miniatura escolhida por ele porta uma espada muito parecida com a katana do samurai de seus sonhos, a correlação é inevitável.

“Mais uma vez me deparo com a figura do guerreiro, ultimamente o vejo em todos os lugares, nos “animes” que assisto, nos quadrinhos e nos filmes. Acredito que ele sempre esteve aqui, mas nunca teve espaço para se manifestar, agora preciso desesperadamente dele e espero poder encontrá-lo”(sic)..

O cisne de prata, de asas abertas, rodeado por um “lago”, protagoniza para ele os objetivos que pretende buscar nessa fase de sua vida, representa uma pluralidade de mudanças, assim como o resgate de seu relacionamento. Compreende seu modo de atuar no mundo necessitar de reavaliação, suas necessidades de evitar conflitos e a capacidade de se distrair de suas obrigações (capacidade essa interpretada pelo mesmo como uma forma de evitar o comprometimento e o trabalho, de não conseguir ver a realização em longo prazo, recorrendo sempre a prazeres instantâneos), não podem continuar.

“Vejo que agora é necessário me posicionar, me expressar mais, me empenhar e fazer a minha opinião, assim como minhas vontades, serem ouvidas; evitar esses conflitos só vão gerar conflitos maiores. Quero aprender a ser esse guerreiro que não tem medo de ir para a guerra e se machucar, sabendo que esses machucados podem me fazer mais forte; quero ser esse guerreiro que sai em busca do que quer” (sic).

As miniaturas de Aurélio desenham o mundo em que se encontra. Sobre quem é e quem gostaria de ser, do inocente que não percebeu estar sendo seduzido, ao guerreiro pronto para lutar, da queda perante a bruxa à busca pelo cisne de prata. Seu cenário é, em resumo, os pilares da jornada.

#### 4.3.2 David entre o Bem e o Mal

Seis miniaturas foram escolhidas, vide anexo D, para protagonizar o mundo de David: a espiritualidade, o casal (embora componha apenas uma miniatura, foi segregada em duas partes), a amizade e o perigo à espreita.

Na configuração da caixa de areia, o casal ficou de frente ao padre, tendo as costas voltadas à amizade (estátua de Exu e a Pomba-Gira) e ao perigo (estátua do terrorista). Apontando o noivo e a noiva no palco central da história, inicia o conto:

“Estes dois aí no meio sou eu e A. (nome fictício da ex-namorada), depois de muitas conversas resolvemos reatar o namoro, resolvi dar uma nova chance a “isso”; acredito gostar dela, mas não sei ao certo quais as influências dela em mim, mas mesmo longe não conseguia ficar bem... acredito que existem coisas a serem resolvidas entre nós para continuarmos juntos ou caminhar para um fim definitivo”. (sic).

Havia tomado à delicada decisão de deixar “Ana” voltar à sua rotina, a mesma mulher que o fez dialogar com a morte e constantemente o privou de suas convicções e verdades, fazendo-o questionar sobre a moral de suas atitudes enquanto namorado, se estava certo ou errado, se na verdade não estava sendo inflexível ou egoísta, ou se a imaturidade, tantas vezes apontadas ao seu rosto não era, no fim, indubitavelmente verdade.

“Tivemos tantas discussões que é difícil lembrar, mas algumas me deixavam muito mal, ela me chamava de psicopata, às vezes de infantil, inventava algumas coisas e eu estava imerso a ponto de desacreditar no meu “Eu” e dar ouvidos a possibilidade dela estar

certa, de abaixar a cabeça, tentando apaziguar a situação. Sinto ter me perdido de mim mesmo, muitas vezes”(sic).

No seu cenário, sentada ao lado do noivo, com um belo vestido branco, de frente ao padre e sibilando um discreto sorriso estava “Ana”, ocupando seu lugar de direito, o centro do palco. David estava certo em uma coisa, não adiantaria um “término” e afastamento da sua companheira, assim como não se pode romper e ignorar a sombra que nos contrapõe enquanto seres humanos, era necessário encontrá-la e integrá-la no intuito de abrandar as inquietações da alma ou, nas palavras do nosso protagonista, “preciso dela perto para enfrentar os demônios que nossa relação fez surgir”(sic).

Apona agora as miniaturas “Laços de Amizade”, pois sente ter se afastado dos amigos enquanto namorava, tinha dificuldades em equilibrar os dois mundos e esse afastamento era sentido pelos seus companheiros. Estes gradativamente o viam se retrair, entristecer-se e não entendiam o porquê daquela relação continuar; porém eles não o abandonaram, mesmo na hora mais escura, sabia poder contar com seus aliados.

“Eles eram mais de guardar as opiniões, mas quando havia oportunidade tentavam chegar até mim. Acho que perceberam minha mudança, eu já não tocava como antes, nem me divertia como antes. Tenho amigos de longa data e me afastar deles foi doloroso, tenho sorte de pode ter voltado ao convívio deles, o que me trouxe uma confiança e um alívio imediato. Se tem algo que aprendi é que meu mundo particular não será mais o preço para manter qualquer relacionamento, este ou qualquer outro que possa vir a acontecer” (sic).

Sua rede de relações fora prejudicada, assim como sua imago-dei. No intervalo do término conseguiu remediar a maior parte dos danos causados, tanto as relações afetivas quanto o prazer da música, o compartilhar das situações corriqueiras de amizade sem a perspectiva da culpa e do errado, por estar sem a companheira, serviram como uma fonte da juventude, revitalizando o combalido herói, fortalecendo seus papéis sociais e o afastando temporariamente de seus questionamentos.

Ainda havia perigo, com ou sem a presença de “Ana” e ele estava presente na caixa de areia. Representado pela imagem do “terrorista”, dizia respeito aos anseios do herói, todos os “não-ditos” de sua relação viraram fantasmas, atormentando-o à procura de respostas e certezas, sobre todas as dúvidas que tinha em relação a ela. Sentia-se enganado e ludibriado o tempo todo, como se durante muito tempo fora manipulado e essa sensação

o castigava, pois não conseguia ficar totalmente em paz enquanto não alcançasse as verdades que sua consciência tanto precisava.

“Era ridículo, eu ia dormir e ficava pensando em todas as histórias mal contadas e quando eu questionava, vinham os xingamentos de psicopata, infantil e doido. Mas por muitas vezes eu a peguei na mentira ou na omissão de algum detalhe importante e essas coisas alimentaram uma desconfiança, que eu sinceramente não sei como resolver, daí era uma bola de neve, esses fantasmas me davam insônia eu ficava uma merda no outro dia e a angústia vinha de carona.” (sic)

Chegamos então no último personagem do jogo de David: a figura polissêmica do padre. De um lado, foi relatada uma relação harmônica com o divino, diz não precisar se empenhar muito para tal. Não é de fazer orações ou rezar o terço, contudo gostava de frequentar a missa aos domingos, sentia ser um lugar de paz e conforto; por mais de uma vez foi surpreendido por um estranho dizendo sentir energias positivas fluindo dele e seria de um bem maior trabalhá-las. Porém afirma nunca ter sentido a necessidade de se aprofundar na questão, a forma leve usada no relacionamento com o divino, sem cobranças, culpas ou queixas, era o segredo da boa convivência.

Por outro lado, a imagem do sacerdote também representa um preço a se pagar. Sua companheira é divorciada, logo, impedida de realizar um segundo matrimônio na igreja, com os devidos rituais e cerimônias cristãs, vivências essas desejados pelo rapaz.

“Penso muito nisso, no quanto eu tenho a perder. Não poder casar na igreja já seria um grande sacrifício, também tem o lance da idade (“Ana” é doze anos mais velha, tendo a idade de 37 verões), pretendo ter filhos, mas não agora, tenho muito pra conquistar e estabelecer antes de ter uma criança, mas em breve vai ficar complicado para ela. Também tenho medo de não conseguir achar uma forma de apaziguar meu mundo social com o dela, os amigos dela são muito diferentes de mim, as conversas, os valores, são uma ‘galera muito da paia’, vejo meus amigos aturarem, mas se afeiçoarem é pedir demais, eles viram o mal causado, enfim são muitas variáveis...”(sic).

O sexto passo da jornada para David foi uma etapa de reencontros. A importância de reatar e cultivar os laços de amizade e como essa aliança oxigenou o ego enfraquecido, possibilitando uma nova perspectiva de lidar com seus processos. Para o retorno de “Ana” em sua vida, para dialogar com seu contra papel projetado, integrando-o, sem submeter-se,

o herói precisará de todas as armas disponíveis. Reconheceu os obstáculos internos e externos assim como aprendeu a difícil tarefa que sua jornada iria exigir: para continuar, sacrifícios teriam de ser feitos.

#### 4.3.3 O Resgate de Jason e o Príncipe Desencantado

Assim como seu antecessor, seis símbolos foram invocados por Jason, vide anexo E, para o mundo mágico. A história teria seu desenrolar através do retorno à espiritualidade (duas miniaturas que representam São Francisco e um jovem ajoelhado, com um livro nas mãos), passando pelo julgamento (o smurf, conhecido como Ranzinza), a luta contra o tempo (ampulheta), a verdadeira face do príncipe (Eric – a Pequena Sereia) e a princesa enterrada (Ariel – A Pequena Sereia).

Configurou suas miniaturas de forma regular, colocando o “julgamento” literalmente em cima do “tempo”, o “príncipe” de frente à “princesa”, que jazia enterrada; e mais atrás, a “espiritualidade”.

“Pra mim o tempo é um grande obstáculo, não importa o quanto me apresse já estou atrasado. O tempo que passei na engenharia me tirou quatro anos, foi muito difícil fazer essa transição, pois eu não tive nenhum apoio, mas eu realmente não me via mais ali. Agora preciso compensar o tempo perdido”(sic).

Correndo contra quatro anos, considerado pelo mesmo como “desperdiçados”, enfrenta uma série de julgamentos externos e internos, pois viu seu irmão e alguns amigos “passarem” na frente em relação a graduações acadêmicas e realizações profissionais, enquanto se sentia para trás, recomeçando sua aventura como estudante. Na tentativa desesperada de conseguir o máximo de tempo para compensar o déficit, tomou a decisão de deixar em segundo plano as atividades que lhe ocupavam tempo, porém, fundamentais na manutenção do seu bem estar; em prol do diploma a espiritualidade foi posta de lado, conflito este presente em seu discurso desde o alvorecer do grupo.

“Hoje eu não faço nada, não me exercito, não pratico minha espiritualidade, pra vocês verem, tenho mais de cinquenta livros espíritas ainda no plástico, eu era do tipo de citar os livros e a folhas para fundamentar meus argumentos quando estava em alguma conversa desse contexto. Quando não estou trabalhando estou na faculdade e vice-versa, ainda preciso escutar de vez em quando, ‘o filho de não sei quem vai casar’, ‘você viu que



fulano passou num concurso, tá bem de vida’... “sou lembrado quase que diariamente das consequências da escolha que fiz”(sic).

A situação complica quando a desamparo externo faz germinar um julgamento interno severo, existe uma necessidade visceral de conseguir se alavancar na nova profissão, não só por si mesmo, como também para provar aos seus parentes ter feito à escolha certa. Qualquer obstáculo ou imprevisto no caminho é potencializado pela sombra do fracasso, representado pela seguinte sentença: “Viu ai? Não era melhor ter ficado na Engenharia?”.

‘Este é o calcanhar de Aquiles de Jason, seu ponto fraco e, para evitá-lo, está disposto a reorganizar suas prioridades, mesmo significando o rebaixamento do seu exercício espiritual e os cuidados com a saúde física.

“Meu maior medo é um dia acordar e descobrir estar errado e eles estarem certos, tenho muita confiança no que fiz, faria de novo inclusive, mas mesmo assim, fica o medo...”(sic).

Para se proteger do potencial destrutivo dos julgamentos, desenvolve então um papel social íntegro, responsável, educado, animado, honesto e corajoso, veste a máscara do “príncipe encantado” que há de salvar o dia em seu cavalo branco; assim os “inimigos” não teriam o que dizer sobre ele, sua conduta seria impecável e as críticas contra sua pessoa, seriam consideradas infundadas. Porém, logo seria descoberto que as roupas da realeza seriam consideradas desconfortáveis.

“Sempre tentei ser o mais certo e justo possível, acho que por isso meus relacionamentos duraram tanto, nunca fui de ficar com uma ali e outra aqui, gostava da intimidade e de ser namorado de alguém, menos nesse meu momento atual que realmente não tenho espaço para outra pessoa. Em casa, como meu pai trabalha em outro estado, acabei assumindo muitas responsabilidades, principalmente com o carro, sou eu quem leva o pessoal para os lugares que precisam ir e sou eu quem continuou o trabalho de meu pai por aqui”.

Havia ainda uma miniatura a ser explorada, a princesa enterrada. Deduzimos esta a sua atitude com o feminino idealizado, um símbolo da indisponibilidade afetiva de Jason

para um relacionamento amoroso atual, visto que suas metas e objetivos estavam estritamente claros, porém:

“Ela está enterrada porque não a conheço, tenho medo de ter conhecido a mulher da minha vida e ter estragado as coisas, também tenho medo de não encontra-la mais. Estou com trinta e três anos, as pessoas da minha idade normalmente já estão com as pessoas que irão casar, ter filhos e tudo mais. Seria bom ter alguém mais próximo, para compartilhar, até para me apoiar, mas acho que vou precisar esperar um pouco mais” (sic).

Enquanto mais rigidamente nos apegamos a quem pensamos ser ou precisamos ser, mais estaremos alimentando uma contra papel ignorado, temos uma ardilosa sombra em potencial, aquilo que não enfrentamos em vida, volta pra nos buscar. E o destino estava chegando, mas não para só para Jason.

Ainda havia muitos lugares inexplorados para a Irmandade se aventurar. E uma caverna se aproximava.

#### 4.4 Perigo à vista: A Aproximação da Caverna

Estamos no sétimo passo da Jornada do Herói, a aproximação da caverna escura. Tal lugar representa um perigo extremo, as trevas espreitam e a morte aguarda. Neste local o herói irá confrontar seus medos, seus anseios. Ele há de se confrontar com sua sombra, pois a caverna tem o poder de nos mostrar aquilo que foge aos olhos.

Quase como um pressentimento do que estaria por vir, o grupo entrou em um novo movimento. Algumas sessões foram dedicadas a trabalhar as queixas e ocorrências de suas histórias de vida e rotinas, movimento este que estreitou ainda mais os laços de companheirismo. Assuntos como o retorno do relacionamento de David, a situação de Aurélio com sua esposa (embora não estivessem juntos, ainda não estavam divorciados) e as aventuras de Jason foram discutidas nas três sessões que antecederam a etapa da caverna.

Ao dar espaço aos integrantes trazerem suas demandas individuais, mesmo que essas fugissem do caminho da jornada proposto, os laços de companheirismo se estreitaram, a confiança um no outro foi reforçada e, inconscientemente, foram se preparando e amadurecendo enquanto grupo para adentrar no terreno sombrio

caracterizado pela caverna, pois só um consciente amadurecido poderia lidar com as dificuldades que aos poucos chegavam.

Os três protagonistas, lado a lado, encaravam um caminho feito de almofadas (cada trilha continha seis peças) terminando em uma improvisada caverna (duas cadeiras de encosto alto com lençóis pretos por cima). Um aquecimento inicial baseado na respiração e no cuidado corporal foi feito, luz baixa, na penumbra, a introspecção foi convidada. O número de almofadas era proporcional às etapas heroicas, em ordem cronológica, percorridas até o momento.

Foram orientados a dar um passo a frente, subindo na almofada, lembrando os acontecimentos marcantes daquela etapa em específico. Pouco a pouco percorriam essa retrospectiva até chegarem à porta da caverna. Os três apenas observaram o escuro. Quando convidados a recuarem, apenas David aceitou, porém logo retornou para perto de seus companheiros.

“Acho que é a hora”.(sic)

A tarefa agora seria de descrever como estavam percebendo esta caverna. Teriam total liberdade para recriar o cenário e o descreverem o quanto pudessem. Onde estavam e como era o clima? Estavam com medo? Estavam sozinhos?

E as cavernas foram criadas.

#### 4.4.1 Queda

“Me vejo em um precipício, não pude voltar porque não há para onde voltar. Aqui é difícil de caminhar, sinto que posso cair se der um passo em falso. Há outros comigo, outros “eus”, mas cada uma habilidade diferente”(sic).

A representação da caverna de Aurélio é na verdade uma releitura de sua vivência atual. Depois dos desdobramentos do relacionamento extraconjugal, precisou sair de casa e voltar à casa do pai. Não havia para onde ir, não havia como rebobinar o tempo e refazer seus passos, o precipício estende-se tanto à frente quanto à sua retaguarda. Em seu caminho pela reelaboração do papel do eu, o protagonista deverá se lançar no vazio sem garantias, assim como não há garantia de retorno ao lar enquanto marido; experimentar o novo, diferente de sua conduta passiva e observadora costumeira.

“Está ficando apertado, minha equipe está se segurando um ao outro para não cairmos todos. Estou na frente, sinto a angústia deles. Se não fizer algo, vamos todos morrer”(sic).

Assim como sua realidade, não é possível adiar a tomada da consciência. Foi necessário pular, foi necessário assumir sua responsabilidade ao se envolver com outra pessoa, assumir uma postura e tomar uma decisão tendo a si mesmo como prioridade, objeto e finalidade da ação. Não havia ninguém mais a agradar além dele mesmo. Ao pular, o “eu” foi diferenciado, já não existia mais time, ao se arremessar, seus vários “eus” foram internalizados e Aurélio se reconhece como sobrevivente, sua consciência tinha conquistado uma grande vitória.

#### 4.4.2 Redemoinhos

“Não consigo me ver em uma caverna, mas me sinto num rio caudaloso, a água está revolta, tem afluentes invadindo por todos os cantos, há alguns troncos boiando em meio à tormenta e procuro um para me segurar, não está fácil; me afogo e volto à superfície, o rio parece me levar e me trazer de volta pro mesmo lugar.”

O vai e volta (as consecutivas brigas, rompimentos e reatamentos do seu relacionamento) veio à tona em forma de um perigoso rio, não são descritas margens, encostas ou ancoradouros, apenas água.

Seu objetivo inicial era redescobrir-se enquanto pessoa e como homem, uma vez que seu relacionamento anterior foi marcado pela calma e pela falta de desafios em seus meses finais, mas o atual é representado como uma tormenta.

Quantas seriam as mudanças que David deveria empreender para não se afogar? E por quanto tempo aguentaria neste mergulho rumo ao inconsciente, rumo às estruturas ainda veladas dentro de seu rio?

“Agora estou agarrado em um tronco forte, a correnteza me leva, mas não estou mais em círculos, estou seguindo o fluxo, não há muito mais o que fazer. Gostaria de colocar meus pés no chão, mas ainda não dá...”(sic).

Diz não estar mais assustado, o fato de estar em movimento o acalma, para bem ou para mal estava indo para algum lugar, o sentimento de impotência é o que mais lhe

machuca. Não consegue entender a influência de sua companheira nas suas atitudes, por mais que decida acabar e tirar dos ombros a responsabilidade, sempre se vê cedendo e retornando ao convívio com ela. Continuar ou não, ainda não estava decidido, mas fazê-lo de forma consciente era sim sua meta, e graças ao “tronco” (trabalho terapêutico grupal e individual) consegue, ao menos, sair da posição de estagnação rumo ao desconhecido, sim, não impotente.

A água protagoniza um importante símbolo na caverna de David, pois representa o feminino, o poderoso inconsciente, território ainda ameaçador e difícil de transitar para o herói.

#### 4.4.3 Gruta

“Esse lugar é enorme, me sinto tão pequeno. Tem uma luz vinda da caverna, um vermelho escuro, ela me atrai, me puxa e me chama, mas não quero ir, não dá pra ver nada lá dentro.”

Por entre pedregulhos e córregos, Jason caminhava, cada deslize e tropeço caracterizavam as dificuldades que enfrentava no seu domínio familiar, nos processos envolvendo a formatura eminente. O processo de amadurecimento e tomada do papel da responsabilidade são os átomos que compõem a matéria de sua caverna.

A luz escarlata que emana da caverna pulsa como as batidas de um coração, cada nuance convidando-o a se aproximar, sedando seus sentidos e amortecendo seus mecanismos de defesa. A gruta parece viva, parece um predador.

“Tudo aqui dá medo, mas minhas pernas parecem estar se mexendo sozinhas, só consigo seguir em frente, encaro este vazio e sinto uma voz me chamar, ela é grave e rouca.”

O paciente se mostrava muito ansioso enquanto descrevia seu cenário, era possível sentir a aflição causada em seu caminhar pelo difícil terreno. Por mais delicado que fosse, ele descrevia que dentro da gruta havia algo que ele precisava, sua crença de que valeria a pena passar por aquilo era forte.

Quanto mais Jason se aproximava da entrada da gruta, mais ficava claro para o grupo que encontrar a caverna foi um passo importante, mas faltava um elemento

determinante para ritualizar esta passagem. Foi o primeiro a perceber que a manifestação obscura o chamava, clamava por ele. Evidentemente foi o primeiro a se deparar com a figura sombria do dragão.

Este ser é o guardião das sombras, responsável pelo confronto no qual o herói deve morrer para renascer mais forte, esse ser é a personificação da conserva cultural inadequada, nênese do herói.

#### 4.5 Dragão

Para este momento terapêutico foi passado ao grupo o que simbolizava a figura do dragão. Num exercício de amplificação, em certa ocasião cada um trouxe uma lenda ou conto para discutirmos a aparição do desafio que heróis passavam em suas respectivas jornadas. Fomos dos nórdicos aos gregos, passando pelo folclore brasileiro e as lendas indígenas. Assim como outros antes de nós, pudemos identificar as semelhanças que as histórias traziam e a narrativa que o grupo mais se identificou, foi a de Sigurd e o Dragão (FRACHINI & SEGANFREDO, 2004).

Na sessão seguinte, foi pedida uma retrospectiva dos encontros anteriores no intuito de reaquecer os participantes, nesta etapa colaboraram entre si, compartilhando de detalhes que por ventura esqueciam na sua própria história.

Após um exercício de respiração e relaxamento breves, os participantes demonstravam estar ávidos para dar continuidade ao processo, diminuindo a necessidade de prolongar a fase de aquecimento, individualmente e utilizando os materiais da própria sala (almofadas, cadeiras e colchonetes) foram remontando o cenário anterior e dando prosseguimento em suas narrativas e representações simbólicas baseadas nos símbolos da luta contra o dragão.

Ainda não havia sido estabelecido, mas estes seriam os momentos finais da vivência terapêutica, devidos inúmeros motivos que juntamente impediram a continuidade do trabalho tais como horários e disponibilidades dos integrantes.

##### 4.5.1 Batalha nas montanhas

Ao aterrissar da queda, Aurélio se depara com uma criatura enorme, descrita como um grande réptil, sua casca era grossa e a calda recoberta por espinhos, porém o mais

interessante é o seu rosto; a face da criatura é, na verdade, a máscara escolhida pelo mesmo, sessões atrás: a máscara do samurai.

“Aprendi algo aqui no grupo, aprendi que desde o começo venho tentando enfrentar uma parte de mim que não me serve mais, só que ela se alimentou de anos de comodidade e preguiça de enfrentar as coisas. Agora está aí, enorme, gorda e perigosa” (sic).

Ao ser questionado como faria para enfrentar tal monstruosidade, sua resposta foi objetiva e categórica.

“Só um monstro enfrenta outro” (sic).

O que vimos a seguir foi uma batalha visceral, em meio às montanhas, dois “dragões” se engalfinharam. Ao terminar o combate, o então sobrevivente Aurélio recolhe sua máscara e a coloca, assim como Sigurd foi capaz de ouvir as vozes da natureza ao comer o coração de Fafnir (FASCHINI & SEGANFREDO, 2004). O herói foi capaz de reconhecer sua trilha até ali, deu ouvido às suas dores e vontades, do programador de sistemas, acomodado e passivo, para a emergência do papel do guerreiro, objetivo esse traçado no começo do trabalho terapêutico.

“Minha nossa! Não achei que tivesse isso em mim. Pra mim o jogo tinha acabado, ele era enorme, mas senti pena dele, senti que ele era fraco e o melhor que podia fazer era tirá-lo da jogada, no final não tive muita opção.”(sic).

O ato de colocar a máscara como prêmio da batalha foi decisivo para uma série de atividades que o paciente empreendeu posteriormente no grupo. A máscara simbolizava o potencial, a disciplina e a força que ele dizia almejar, a aceitação do papel e reconhecimento destes atributos como partes dele, fez acordar o guerreiro latente, que o ajudou a continuar na busca de reconciliar-se com a ex-companheira. Muitos avanços foram conseguidos neste campo.

Aurélio tinha uma série de pendências, estava passando por uma situação financeira delicada, derivada de uma séria de gastos e despesas consideradas desnecessárias pelo mesmo, tinha uma dissertação de mestrado a concluir e a situação conjugal incerta. Afirma que o grupo o impulsionou a começar a lecionar para complementar a renda, reforçou sua iniciativa em recuperar seu relacionamento de forma menos observadora e mais ativa. Atualmente está treinando Jiu-Jitsu e diz estar gostando muito.

“Foi uma maneira de manter o samurai vivo”(sic).

#### 4.5.2 No coração da Tormenta

Em meio ao seu naufrágio, carregado pelas águas em seu “tronco salva-vidas” David se depara com uma um figura feminina, metade peixe, metade mulher e inteiramente sedutora.

“Sinto-me atraído por ela, quero abraça-la, quero escutá-la falar, mas algo em mim me impede, me diz ser perigoso, me fala que ela não é o que parece, mas ignoro e me aproximo”(sic).

O terapeuta questiona: - “O que isso te lembra?”

A relação com a namorada é novamente trazida à tona. Apesar de todos os problemas recorrentes e saber que sua intuição, assim como seus instintos, amigos e familiares lhe pedirem para se afastar e trazer uma conclusão final a este conturbado relacionamento, ele não o faz. Ele diz:

“Não tenho vontade de enfrenta-la”(sic)

(Terapeuta): - “Tem vontade de fazer o que?”

“Quero ir com ela”(sic).

David abraça a sereia que o leva para o fundo do rio. A água se agita, mas logo volta ao normal. O grupo se assustou tanto com a conclusão, quanto com o direcionamento da cena. Teria o herói um fim trágico? Tragado pelas águas, iludido pelo canto da sereia?

“Era isso o que eu precisava. No meu último namoro eu estava muito confiante, nada me abalava, eu não tinha medo de perdê-la e fazia quase tudo do meu jeito, não era questionado nem desafiado e isso me fez cair numa estagnação profunda. Tanto que não estava preparado para lidar com as cobranças e necessidades desse relacionamento. Não acredito que eu vá ficar com ela por muito mais tempo, mas agora eu preciso olhar pra bem dentro de mim e me reencontrar, sei que pode parecer perigoso, mas esse mergulho não me assusta”(sic).

Assim como o capitão Ahab precisou ser engolido por Moby Dick (MELLVILLE, 2017), David precisou conhecer as profundezas do seu mar, acreditando que as



dificuldades que enfrentava iriam ensiná-lo mais sobre ele mesmo. Diz estar feliz em ter a chance de dialogar com sua figura anímica através do relacionamento com esta mulher, dessa forma que embora caótica, também lhe trazia muitos frutos.

Atualmente o rapaz está em um novo relacionamento. Mostra estar bem e conseguindo aproveitar esta nova fase. Encontra-se no momento trilhando uma nova jornada, a profissional, mas isso já é outra história.

#### 4.5.2 Meu outro eu Vermelho

Tudo era vermelho, as paredes, o reflexo no córrego que corria por entre as paredes internas da gruta, os insetos e os besouros carregavam um espectro escarlate, mas nada era tão vermelho quanto os olhos dele.

“Era eu, em todos os detalhes, na cicatriz perto do cabelo, na altura, na forma como a camisa gruda na minha barriga. Era eu, menos os olhos, eles eram vermelhos como sangue e fogo misturados” (sic).

De frente com sua contraparte sombria, o jovem questiona o que teria criado tal criatura. Como, dentro dele, poderia haver algo tão vil, logo ele que era tão empenhado em trabalhar, dar o mínimo de trabalho aos pais, seguia com seus estudos espiritualistas, como alguém tão bom teria dado vida àquele ser?

O terapeuta questiona: -“O que você acha que ele quer falar a você?”

“Ele está com raiva, quer me machucar, diz que eu o abandonei ali e que agora vai me pegar” (sic).

(Terapeuta): - “Por que só agora? Por que acha que só agora ele apareceu para te pegar?”

Jason diz que sua jornada sempre foi voltada para assumir um papel profissional e pessoal mais maduro, os moldes de “garoto exemplo” lhe são muito pesados. Pesado também é o fardo de viver sob as expectativas do outro sem poder se rebelar, pois não podia quebrar a imagem que faziam dele. A consequência disso foi a negação de sua agressividade, os sentimentos de revolta, raiva, ressentimentos, injustiça e insatisfação foram jogados para uma gruta isolada, onde combinados criaram vida.

“Dou um passo em sua direção, quero abraça-lo, quero ele de volta, preciso dele.”(sic).

O passo é dado, a contraparte avança ferozmente e se desfaz em fumaça ao chocar-se com o seu espelho. Jason cai de joelhos e ao abrir os olhos se depara com uma poça de água que reflete o seu rosto. Estava tudo igual, menos os olhos; o direito mantinha sua tonalidade castanha escura, já o outro, estava vermelho.

Vive um processo de integração. A Persona exemplar já não servia mais ao herói, sua força e resiliência necessárias para enfrentar os desafios que seu atual cotidiano exigia estavam em local diferente, isolado e sombrio. Abraçar sua sombra permitiu integrar características antes renegadas, podendo assim manifestar capacidades antes desconhecidas tais como: enfretamento no seio familiar, defesa e argumentação no meio acadêmico, além de ganho de espaço no ambiente profissional.

Jason se formou e continua com seu trabalho. Está se organizando para sair de casa e começar seu próprio lar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente foi difícil para o grupo identificar suas demandas terapêuticas nos contextos mítico-heroicos que os precederam a tantas gerações atrás, acontecimento caracterizado como “Afastamento do Sagrado” (AMADO, 2008) e imortalizado pela célebre frase do filósofo alemão Nietzsche (2012) “Deus está morto” declarando assim o evidente afastamento do homem de sua natureza mítico-simbólica em detrimento de uma pseudo realização espiritual baseada no material, no concreto, no abandono do abstrato pelo “real”.

O processo de afastamento em primeira estância acarreta uma sensação de isolamento e solidão nos integrantes, acreditando estarem desamparados em suas respectivas jornadas, contudo, como dito por Campbell (1990): “só é necessário seguirmos a trilha de pistas deixadas pelos heróis anteriores” e “onde pensávamos estar sozinhos, encontraremos na verdade, o mundo inteiro”.

No segundo momento, após apresentar o recurso simbólico específico para cada participante, tornou-se possível gerir um movimento de identificação, terapêutico por si só, a apropriação do símbolo do herói os permitiu vivenciar realidades suplementares, ou seja, fora necessário introduzi-los, assim como os antigos guardiões do limiar, ao portal para o mundo mágico, uma vez que puderam representar suas queixas terapêuticas encontraram possíveis desfechos, soluções e prováveis atitudes que iriam assumir a partir dali, resultados esses inacessíveis enquanto reféns da lógica racional que rege a consciência egóica do homem.

Ao possibilitar o mergulho nas águas profundas do inconsciente pudemos desenvolver o trabalho terapêutico e por mais assustador que pareça ser ingressar em um mundo desconhecido, encontramos novamente em Campbell (1990), as palavras de conforto: “Na caverna que você teme entrar, jaz o tesouro que você procura”.

Entre cavernas e dragões, relacionamentos e profissões, percorreram seus caminhos, ora no mundo lógico, ora no mundo simbólico, pois essa é uma das funções transformadoras do herói, transitar entre o caminho da luz da consciência e o sombrio inconsciente.

Tanto o processo de desenvolvimento e apropriação de um novo papel social/psicodramático quanto o Monomito reúnem características similares em sua estrutura, partindo de um rompimento do cotidiano rumo ao mergulho para encontrar com o desconhecido para então retornar transformado. O paralelo entre as duas estruturas pôde ser identificado na forma com que os pacientes iam lidando com as situações que apareciam no decorrer do trabalho terapêutico. Situações que durante o início do trabalho não teriam sido resolvidas de forma produtiva.

Ao adotar a versão de Vogler da Jornada do Herói, foi possível demonstrar o método de uma forma acessível, uma vez que o grupo era formado em sua maioria por profissionais de áreas não pertencentes à psicologia, foi necessário adaptar a linguagem para que os mesmos se apropriassem do roteiro proposto, criando autonomia e entusiasmo na abordagem trabalhada.

Embora estritamente necessário compreender os fundamentos teóricos originais da Jornada do Herói, tanto para análise do material quanto para aprofundamento da teoria, a visão resumida de Vogler, nas condições de tempo, recursos materiais e humanos analisados neste grupo específico, provou-se uma alternativa produtiva, as correlações feitas entre a jornada, o cinema e a literatura tornaram a tarefa de ilustrar o riquíssimo conteúdo da Jornada do Herói em um agradável compartilhamento onde gradativamente, com o passar das fases, cada um sentia-se seguro em dar exemplos que ilustravam o momento em que o grupo se encontrava, de forma alguma esse processo foi unilateral.

Experimentar o papel de direção foi deveras engrandecedor, comparado à prática bipessoal, lidar com três demandas simultaneamente, a atenção requerida nas dramatizações e seus detalhes específicos protagonizou um maior desafio à esse papel de psicodramatista.

Oferecer espaços igualitários de compartilhamento, evitar o excesso de protagonismo de um dos integrantes sobre os demais ao mesmo tempo em que se faz necessário manter a disponibilidade e a espontaneidade para o grupo como um todo faz ficar evidente o quanto a pareceria com um ego-auxiliar se faz necessário.

Contudo o maior aprendizado foi a encarar a descentralização do papel de terapeuta, uma vez que o grupo funciona seguindo suas próprias regras, não há um cuidador em específico, existe o grupo a humildade de não estar em um local privilegiado

de cuidador me fez entender que por mais planejado que uma sessão fosse, se faz necessário estar aberto a adaptações de última hora, replanejamentos foram necessários por mais de uma vez, seja pelas demandas trazidas no dia ou pela falta de algum integrante em determinado momento.

Mais de uma vez durante os momentos de compartilhamento me vi impelido a dar voz a como estava me sentindo ao facilitar aqueles momentos. Assumir a direção de um grupo terapêutico foi um treinamento de espontaneidade intenso que gerou frutos profissionais palpáveis inclusive ao adaptar o aprendizado à vivência bipessoal.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. A divina comédia. 1 ed. Brasil: Landmark, 2011. 894 p.

ALMEIDA, Wilson Castelo De. **Psicoterapia aberta: formas de encontro**. 2ed. São paulo: ágora, 1988.

AMADO, André Miele. **A Busca pelo Sagrado: O mito do herói e os ritos de passagem**. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto, (org.) Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”. Assis, ABHR: 2008. ISBN: 978-85-88463-36-3

BIBLIOTECAGATEWAY. **Genesis 11:9 - a torre de babel**. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/passage/?search=g%c3%aanesis+11%3a1-9&version=ol>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 1 ed. São Paulo: Pensamento, 2007. 413 p.

CORUMBA, Rosa.; Ramalho, Cybele.; **Descobrimo enigmas de heróis e contos de fadas: entre a psicologia analítica e o psicodrama**. 1 ed. Aracaju: Edições PROFINT, 2008. 190p.

CRUZ, São João Da. **A noite escura**. 6 ed. Brasil: Vozes, 2014. 184 p.

CUCKIER, Rosa. **Psicodrama bipessoal: Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. 4 ed. São Paulo: Editora Ágora, 1992.

DALMIRO, Manuel Bustos. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. 14 ed. SÃO PAULO: SUMMUS, 1982. 230 p.

FONSECA, José de Souza. **Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora. 1980.

Fonseca, José De Souza. **Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno**. 1 ed. São paulo: Ágora, 1980.

Fox, Jonathan. **O Essencial de Moreno: Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade**. São Paulo: Ed. Ágora. 2002.

FRANCHINI, A.S.; SEGANFREDO, CARMEM. **As melhores histórias da mitologia nórdica**. 1 ed. São paulo: Artes e ofícios, 2004.

GONÇALVES, C.S.; WOLFF, J.R.; ALMEIDA, W.C. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J.L.Moreno**. 5.ed. São Paulo: Ágora, 1998.

GONÇALVES, Camila Salles. Técnicas básicas: duplo, espelho e inversão de papéis. In MONTEIRO, Regina Forneaut (org). **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

HOMERO. **A odisséia**. 2 ed. Brasil: Dcl difusão cultural, 2013. 96 p.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**. C.W., vol.V. Petrópolis: Vozes,1995.

MARINEU, René F. **Jacob levy moreno (1889-1974)**. 1 ed. Brasil: Ágora, 1992.

MARTIN, Eugeno Garrido. **Psicologia do encontro: jacob levy moreno**. 2 ed. São paulo: Livraria duas cidades, 1984. 274 p.

MELVILLE, HERMAN. **Moby Dick**. 20 ed. SÃO PAULO: NOVA FRONTEIRA, 2017.

MORAIS, Grinaura. **A identificação e a construção do conceito de herói a partir do olhar discente**. Revista Fidep, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em:<[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1624\\_4482ebbacf78d8d0ecad8a40d380f18d.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1624_4482ebbacf78d8d0ecad8a40d380f18d.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2016.

MORAIS, Isabela. **A elaboração do conceito de herói a partir da compreensão dos alunos do ensino fundamental**. Revista Fidep, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 2, 2013. Disponível em:<[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_1624\\_4482ebbacf78d8d0ecad8a40d380f18d.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1624_4482ebbacf78d8d0ecad8a40d380f18d.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2016.

MORENO, Jacob Levy. **Jacob levy moreno: autobiografia**. 1 ed. Brasil: ágora, 2014. 184 p.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 14 ed. São paulo: Cultrix, 2016. 492 p.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama: TERAPIA DE AÇÃO & PRINCÍPIOS**. SÃO PAULO: DAIMON, 2006. 437 p.

MULLER, Lutz. **O herói**: Todos nascemos para ser Heróis. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 132 p.

Neto, Alfredo Naffah – **Psicodrama descolonizando o imaginário**. São Paulo: Ed Brasiliense.1979.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. **A gaia ciência** ; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

RAMALHO, Cybele Maria Rabelo. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. 1 ed. Sao paulo: Iglu, 2011. 190 p.

RAMALHO, Cybele Maria Rabelo. Sandplay psicodramático - um jogo na interface do psicodrama com a psicologia analítica. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo , v. 18, n. 2, p. 107 117, 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-53932010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932010000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 jul. 2018.

RUBINI, Carlos Jose. **O Conceito de papel no Psicodrama**. Revista brasileira de psicodrama; 3(1): 45-62, São Paulo, 1999.

TODA MATÉRIA. **O mar negro**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/mar-negro/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor** : estruturas míticas para escritores ; tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. -Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006

WOLF, José Roberto. Onirodrama. In MONTEIRO, Regina Forneaut (org). **Técnicas Fundamentais do Psicodrama**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.



# ANEXOS

## ANEXO A

**JORNADA DO HERÓI**

Grupo Terapêutico com abordagem psicodramática

**as Quintas-feiras**

19h às 21h

dirigido por

**Gabriel Poderoso**  
CRP (19/2311)

**6 vagas**

**Contato**  
(79) 9903-2133  
geison.souza@profint.com.br

**Local**  
Profint - Profissionais Integrados  
Aracaju - SE - Rua Poeta José Sales de Campos, 794, Coroa do Meio

## ANEXO B



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, autorizo a PROFINT – Profissionais Integrados Ltda, por intermédio do (a) psicólogo (a) \_\_\_\_\_, CRP 19º/\_\_\_\_\_, devidamente assistida pela sua orientadora Profa. Cybele Maria Rabelo Ramalho, a desenvolver estudo sobre sua prática em psicologia clínica como pré-requisito para a obtenção do título de Especialização em Psicodrama.

- Título do Estudo: \_\_\_\_\_
  - Objetivo geral: \_\_\_\_\_
  - Descrição de procedimentos: \_\_\_\_\_
  - Outras Informações: \_\_\_\_\_
- Retirada do Consentimento: O voluntário (a) tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, não acarretando nenhum dano ao voluntário.
  - Aspecto Legal: Elaborado de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atende à Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde, Brasília/DF.
  - Confiabilidade: Os voluntários terão direito à privacidade. A identidade (nomes e sobrenomes) do participante não será divulgada. Porém os voluntários assinarão o termo de consentimento para que os resultados obtidos possam ser apresentados em congressos e publicações.
  - Quanto à indenização: Não há danos previsíveis decorrentes da pesquisa, mesmo assim fica prevista indenização, caso se faça necessário.

**ATENÇÃO:** A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em casos de dúvida quanto aos seus direitos, entre em contato com a PROFINT, Rua Poeta José Sales de Campos, 794, Atalaia/Coroa do Meio, Aracaju/SE, Tel.: (79) 3021-0757.

Aracaju, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO



## ANEXO C



Figura 1- Acervo Próprio



## ANEXO D



Figura 2 - Acervo Próprio



Figura 3 - Acervo Próprio

## ANEXO E



Figura 4 - Acervo Próprio